

Luis
Sepúlveda

o velho
que lia
romances
de amor



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

Luis
Sepúlveda

o velho
que lia
romances
de amor



LeR⁺
PLANO NACIONAL
DE LEITURA

 Porto
Editora



© Daniel Mordzinski

Luis Sepúlveda nasceu em Ovalle, no Chile, em 1949. Da sua vasta obra (toda ela traduzida em Portugal), destacam-se os romances *O Velho que lia Romances de Amor* e *História de uma Gaivota e do Gato que a ensinou a voar*, ambos já adaptados ao cinema. Mas *Mundo do Fim do Mundo*, *Nome de Toureiro*, *Patagónia Express*, *Encontros de Amor num País em Guerra* ou *Diário de um Killer Sentimental*, por exemplo, conquistaram também, em todo o mundo, a admiração de milhões de leitores.

No catálogo da Porto Editora (que publicará toda a sua obra) figuram já *A Lâmpada de Aladino*, *A Sombra do que Fomos*, *História de uma Gaivota e do Gato que a ensinou a voar*, *Histórias daqui e dali* e *Patagónia Express*.

O Velho que lia Romances de Amor

Luis Sepúlveda

Publicado em Portugal por

Porto Editora, Lda.

Divisão Editorial Literária – Lisboa

E-mail: dellisboa@portoeditora.pt

Título original:

Un viejo que leía novelas de amor

© 1993, Luis Sepúlveda

by arrangement with Literarische Agentur

Dr. Ray-Güde Martin Inh. Nicole Witt e K.,

Frankfurt am Main, Germany

Tradução: Pedro Tamen

Grafismo da capa: Homem Invisível

Ilustração da capa: Alex Gozblau

1.ª edição em papel: Fevereiro de 2009



Rua da Restauração, 365
4099-025 Porto | Portugal

www.portoeditora.pt

ISBN 978-972-0-68001-5

Prefácio

O meu amigo, o Velho

Passaram-se vinte anos desde que este romance saiu de uma arruinada e muito viajada máquina de escrever; sim, de uma máquina de escrever, um desses artefactos que já pertencem à arqueologia da literatura. Adoro as máquinas de escrever e não suporto vê-las condenadas à triste condição de trastes. Por mais de uma vez vi *Underwoods*, *Olivettis* ou *Adlers* à mistura com velhos candeeiros ou esquentadores, e salvei-as, pagando o resgate à máfia do esquecimento. Mas não é sobre máquinas de escrever que quero falar/escrever (é a mesma coisa) algumas palavras, mas sobre *O Velho que lia Romances de Amor*.

Este romance nasceu sem o saber durante uma terrível tempestade amazónica, em 1978. Estava no Equador, país que foi a minha primeira longa paragem de um exílio iniciado em 1977 e que se prolongaria até 1989. Quando se desencadeou aquela tempestade, há já quatro meses que vivia numa aldeia shuar, erigida na margem leste do alto Nangaritza, e era como um deles, mas não era um deles.

Era como um deles porque usufruía de todos os direitos de qualquer membro daquela comunidade de mulheres e homens da selva, porque cumpria escrupulosamente os deveres que me confiavam – fazer com que estivesse sempre acesa a fogueira de três paus, limpar a horta de iúca, apanhar camarões do rio e manter à distância os animais da selva que não deveriam aproximar-se da aldeia – e, com o respeito elementar de um hóspede, tentava compreender os seus costumes. Não era um deles porque, apesar de nunca ter sido mencionado que um dia regressaria ao mundo de onde vinha, isso era uma espécie de

acordo tácito.

No dia da tempestade tinha ido à caça com um grupo de shuar. Tínhamo-nos dividido em pares e, embora nunca me tenha atrevido a utilizar uma zarabatana, era bastante habilidoso a preparar os dardos. Era preciso envolver a ponta numa teia de aranha e depois humedecer aquela seda em curare, o potente veneno que paralisava os músculos do animal caçado.

O meu companheiro caçador era um shuar que gozava de uma fama de homem justo e generoso. Éramos *compadres*, um grau superior à da simples amizade ou companheirismo entre caçadores. Foi o meu professor na selva, tudo o que aprendi foi graças às suas explicações pacientes. Assim, ensinou-me que para andar pela selva era necessário fazer parte da selva, que o pé assentava primeiro no calcanhar e depois, lentamente, se pousava a planta, pois o mais pequeno ruído de um ramo partido activava os milhares de mecanismos de alarme da Amazónia e a presa fugia. Ensinou-me a observar como uma brisa suave movia a folhagem e a adaptar os meus movimentos ao todo selvático. Chamava-se Nushiño; nunca soube se era o seu nome real, mas é assim que aparece no romance, como o shuar que educou o Velho na arte de viver na frágil e violenta Amazónia.

A tempestade desencadeou-se muito mais cedo do que esperávamos, o céu fendeu-se em centenas de relâmpagos, os raios destruíam árvores cujos troncos se partiam no meio de uma fumarada impregnada de enxofre e começou a chover com uma intensidade que mal nos permitia respirar. Nushiño pôs a zarabatana às costas e começou a correr, eu também fiz o mesmo, pisando onde ele pisava, até chegarmos a uma clareira, e aí, a salvo dos ramos que caíam, cobrimos as nossas cabeças com o bernal de couro que trazíamos para transportar os animais pequenos que pretendíamos caçar. Esse pequeno refúgio permitia-nos conversar enquanto a chuva nos fustigava as costas.

Na selva amazónica, uma tempestade apaga em segundos as veredas abertas a machete, os rios sobem alimentados pelos milhares de regatos transformados em enxurradas que arrastam troncos, animais apanhados de surpresa, toneladas de lama e folhagem, e também numa questão de minutos as margens baixas ficam cobertas por vários metros de água furiosa que arrasta tudo à sua passagem.

Nushiño quis saber se eu tinha forças para uma longa corrida,

pois conhecia um lugar alto onde poderíamos abrigar-nos. Respondi-lhe que estava bem, e desatámos a correr esquivando as enchentes, com o receio que provoca nos habitantes amazônicos o não poder ouvir a linguagem da selva, pois todos os rumores são esmagados pelo ruído da chuva.

Corremos umas três horas, era-me difícil seguir o seu ritmo e eu via como diminuía a marcha para que o alcançasse. Algumas vezes parava um pouco, mergulhava uma mão na lama, observava o que tinha tirado e dizia-me que faríamos um desvio para evitar os milhões de formigas vermelhas que, enfurecidas pela destruição do seu formigueiro, dirigiam o ódio das suas minúsculas mas implacáveis goelas contra tudo o que se pusesse ao seu alcance. E a água caía sem misericórdia como uma vingança do céu.

De repente, vi que Nushiño levava as duas mãos à cara, cobria com elas o nariz e os olhos e cheirava muito concentrado. Fiz o mesmo e também senti o agradável odor a fumo. Vi-o sorrir e corremos orientados por esse cheiro.

Numa zona alta junto ao rio Yacuambi havia uma cabana construída sobre palafitas onde, por entre o telhado de palma entrelaçada, se viam sair umas ténues espirais de fumo. Aproximámo-nos e quando estávamos a escassos metros Nushiño disse-me que vivia ali um estranho velho, branco, que falava muito pouco.

De estatura era mais para o baixo, de corpo, flexível, tinha o cabelo grisalho e hirsuto das pessoas da serra equatoriana e uma barba rala de vários dias que lhe cobria parte do rosto.

Sem palavras, convidou-nos com um gesto a que nos aproximássemos da fogueira de três troncos que ardia no meio da cabana. Nunca mais voltei a sentir um calor tão reconfortante como aquele. Também sem palavras nos passou uma garrafa de *puro*, a aguardente de sessenta e muitos graus obtida a partir da destilação das sobras da cana-de-açúcar.

Depressa se fez noite, continuava a chover, a escuridão que rodeava a cabana era total, mas estávamos secos e a salvo. O velho acendeu um candeiro de acetileno e à luz da chama fraca partilhou connosco uns bocados de iúca cozida e uns camarões saborosíssimos.

Depois de comermos, bebemos mais uns goles de *puro*, o velho partiu em três partes um charuto, um desses charutos de tabaco

silvestre, e começou a conversar com Nushiño na língua dos Shuar. Eu não compreendia o que diziam, de modo que me afastei, fumando e olhando para a escuridão da selva.

Passado pouco tempo, Nushiño disse-me que podia dormir na rede do velho. Recusei-me a aceitar, alegando que, tal como ele, me arranjava perfeitamente no chão. Nessa altura o velho falou-me com o sotaque cerrado dos serranos.

Não me lembro do que me disse. Só sei que se referiu ao meu cansaço e me indicou a rede.

Sou um escritor mas não tenho palavras para contar o que se sente numa rede, no meio da Amazónia, quando a noite envolve tudo e a chuva cai sem piedade.

Nushiño instalou-se junto da fogueira e, da rede, pude ver como o velho levava o candeeiro até um móvel, uma espécie de gaveta vertical onde guardava os pratos de latão e duas painéis. A parte mais alta da gaveta chegava-lhe a meio do peito, pousou aí o candeeiro e aproximou-se depois da rede. Junto dela havia outra gaveta, mais pequena, dependurada, que eu não tinha visto. Não eram mais de cinco ou seis os livros ordenados nesse móvel. O velho agarrou num deles, levou-o até à gaveta dos pratos, com uma lentidão cerimonial tirou qualquer coisa de um invólucro de pano, bafejou-a, esfregou-a com o pano e olhou através dela. Era uma lupa. O velho abriu o livro, procurou uma página e, de pé, começou a ler.

Tentando não fazer barulho, saí da rede e aproximei-me dos livros. Havia uns romances de Pierre Feval e outros de Eduardo Zamacois. Livros velhos, coçados, húmidos. Romances de amor que eu conhecia das adaptações radiofónicas e que nunca tinha querido ler.

Há quatro meses que não abria um livro. Na minha mochila, na aldeia shuar, tinha *As Veias Abertas da América Latina*, de Eduardo Galeano, *Vinte Poemas de Amor e Uma Canção Desesperada*, de Pablo Neruda, e *La Linares*, do escritor equatoriano Iván Egüez, mas não olhara para eles durante todo este tempo, ocupado como estava em aprender a ler a selva.

Perguntei-lhe se podia ver algum e ele, sem abandonar a leitura, respondeu-me que os livros eram para ler.

Ao amanhecer a tempestade tinha amainado, embora continuasse a chover. Agradecemos a sua hospitalidade e empreendemos o caminho de regresso ao Nangaritza.

Na mochila tinha também um caderno e algumas esferográficas. Nesse caderno comprado em Quito escrevi simplesmente *O Velho que Lia Romances de Amor*, para não me esquecer, para que essa noite, estendido numa rede enquanto a tempestade fustigava a Amazónia, vivesse para sempre na minha memória.

Três meses mais tarde abandonei a selva; Nushiño e outros dois shuar acompanharam-me até aos limites do seu território. Cada vez que me acomete a tristeza sinto a mão do meu compadre a bater-me no ombro, a dizer-me que posso voltar quando quiser, pois, embora não sendo um deles, sou como um deles, e a tristeza desaparece.

Um camião carregado de madeiras levou-me até Macas. O cabelo chegava-me aos ombros e a barba até meio do peito. Com muito cuidado, desembrulhei uns *Travelers cheques* meio desbotados pela humidade, troquei-os, e passada meia hora estava numa avioneta que voava rumo a Guayaquil.

Em Guayaquil, a primeira coisa que fiz foi ir a um barbeiro no Parque Centenário, depois entrei num restaurante e pedi o que mais desejava comer: doze ovos estrelados e uma cerveja fria, muito fria.

Sempre tinha querido escrever qualquer coisa, não sabia o quê, mas aquele velho que nos acolheu numa noite de tempestade na selva e partilhou connosco tudo o que tinha teria de ser, necessariamente, o protagonista. Não sabia o que escrever e também não tinha pressa de o fazer. No exílio a única coisa que se tem é tempo, muito tempo.

De Guayaquil fui para Quito, daí para a Nicarágua como combatente da Brigada Internacional Simón Bolívar, a última brigada. Lutei, vi morrer, talvez alguma das minhas balas também tenha ceifado vidas, na guerra mata-se ou morre-se, e nalguns momentos de descanso entre combates recordei-me do velho, de Nushiño, dos Shuar, e soube que um dia escreveria qualquer coisa, mas continuava sem saber o quê.

Em 1980 vim para a Europa, aterrei em Hamburgo, a vida continuou, casei-me, tive filhos, fui jornalista, escrevi relatos, poemas, artigos, teatro, mais relatos, mas em nenhum deles estava o velho.

Às vezes olhava para o mapa do território amazónico, procurava a confluência dos rios Yacuambi e Nangaritza e, com o

dedo, seguia a foz, cada vez maior, de todos os rios que iam dar ao grande Amazonas. Dos Shuar ficou-me o hábito de juntar a minha gente ao entardecer para falarmos do nosso dia, enfeitando-o, tornando-o melhor.

A vida continuou. Um dia junta-se ao outro. Esse caudal é tudo o que somos.

O velho começou a visitar-me em sonhos, nunca me falou, mas deixava-me cheio de perguntas: O que lê? Porquê de pé? Quem te deu esses livros? E a lupa, de onde saiu? Por que sabes a língua dos Shuar?

Em 1987, um amigo que apreciava os meus relatos convidou-me a participar num projecto fascinante. Tratava-se de ser o guionista de emergência de um filme cujo tema não podia ser mais bonito: durante a Segunda Guerra Mundial, um oficial alemão, culto, furioso anti-nazi, amante da música e intérprete de flauta transversal, conhece um prisioneiro de guerra croata, um músico, pianista, que admira. A música gera uma estranha relação entre ambos, tocam juntos sempre que podem, mas um dia o alemão fica a saber que os nazis decidiram matar vários prisioneiros e que o croata consta da lista dos que serão assassinados. Decide ajudá-lo a fugir, desertando a seguir. Os dois homens despedem-se e recordam que se sobreviverem, e quando sobrevier a paz, procurar-se-ão e tocarão juntos uma peça de Mozart para flauta e piano. Trinta anos mais tarde, encontram-se e cumprem o acordo.

O filme estava a ser rodado numa bonita ilha da costa croata, Mali Losinj. O grosso da equipa alugou quartos em hotéis, mas eu preferi viver numa casa sem telefone ou electricidade, rodeada por um bosque de coníferas e quase em cima do mar Adriático.

Escrevia de noite e durante o dia era rodado o meu guião. Correu tudo sobre rodas até que, a meio das filmagens, o produtor teve um terrível contratempo familiar e a rotação foi suspensa.

Decidi ficar mais duas semanas em Mali Losinj para terminar o guião. Uma tarde, o céu foi ficando cinzento como uma pança inchada de burro. Começou a soprar um vento do sul, quente, os raios caíam muito perto de casa, acendi a lareira, tirei a rede do jardim e pendurei-a muito perto do fogo para apreciar a tempestade com as portas e as janelas abertas.

Ouvia chover, de vez em quando bebia um gole de *slibowitz*, sentia-me feliz ali, fumando enquanto a chuva repicava no

telhado e caía em catadupa pelas sarjetas.

Nessa altura, o Velho começou a responder às minhas perguntas. Era como um deles, mas não era um deles. Tal como eu na Argentina, Uruguai, Brasil, Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Nicarágua, Alemanha. O Velho era um exilado e começou a contar-me o meu próprio exílio.

Nós, exilados, somos como os lobos, para onde quer que vamos, juntamo-nos em matilhas que não são as nossas, mas convivemos, caçamos juntos. No entanto, a lua incita-nos ao afastamento para podermos uivar de solidão.

Fazemos amigos, criamos universos emocionais para enfeitar a memória imediata na hora inevitável de descrevermos o dia. Assim, disse ao Velho, uma vez, quando começou o meu exílio, entrei num táxi no aeroporto de Buenos Aires, perguntei quanto custava levar-me até ao centro e o homem pediu-me que fosse mais específico. Até ao Obelisco, disse-lhe, e ele respondeu que custava uns vinte dólares. Eu não tinha mais que dez, uma nota nojenta e enrugada era toda a minha fortuna. Aceitou levar-me por esse preço e, quando estávamos junto da vertical imponente do Obelisco, entreguei-lhe o dinheiro. O taxista pegou numa caixa de havanos, agarrou num punhado de notas e entregou-mas dizendo: tem cuidado contigo, irmão. Esse taxista é meu amigo, não sei o seu nome e é meu irmão. Aonde quer que vá, cito a sua nobreza. Outra vez, na Islandia, em Tres Fronteras, junto ao Amazonas, vi um dentista itinerante a arrancar, sem anestesia, todos os dentes a um garimpeiro, decidido a ganhar uma aposta sangrenta. Durante alguns segundos os olhos dele cruzaram-se com os meus e soube que esse dentista era meu amigo, e será também teu amigo quando te contar a sua história, quando escrever esse romance de amor que lerás de pé, na tua cabana junto ao rio.

O dia seguinte amanheceu radiante, o cheiro a terra húmida impregnava tudo. Preparei uma caneca de café, numa mesa sob uma ameixeira coloquei a minha nobre *Olivetti*, uma resma de papel e comecei a escrever o meu primeiro romance.

O romance do meu amigo, um velho que lia romances de amor.

Nota do autor

Quando esta novela estava a ser lida em Oviedo pelos membros do júri que poucos dias depois lhe atribuiria o Prémio Tigre Juan, a muitos milhares de quilómetros de distância e de ignomínia um bando de assassinos armados e pagos por outros criminosos mais importantes, daqueles que usam fatos de bom corte, unhas cuidadas e dizem actuar em nome do «progresso», liquidavam a vida de um dos mais lídimos defensores da Amazónia, e uma das figuras mais destacadas e consequentes do Movimento Ecologista Universal.

Esta novela já não te chegará às mãos, Chico Mendes, querido amigo de poucas palavras e muitas acções, mas o Prémio Tigre Juan também é teu, e de todos os que hão-de continuar o teu caminho, o nosso caminho colectivo em defesa deste único mundo que possuímos.

Ao meu longínquo amigo Miguel Tzenke, síndico shuar de Sumbi, no alto Nangaritza, e grande defensor da Amazónia.

Numa noite de histórias cheias de magia, deixou-me alguns pormenores do seu desconhecido mundo verde, que, mais tarde, noutras paragens distantes do Éden equatorial, me serviriam para construir esta narrativa.

Capítulo Primeiro

O céu era uma inchada barriga de burro, pendendo ameaçadora a escassos palmos das cabeças. O vento morno e pegajoso varria algumas folhas soltas e sacudia com violência as bananeiras raquíticas que ornamentavam a frontaria da administração da circunscrição.

Os poucos habitantes de El Idilio, mais um punhado de aventureiros chegados das redondezas, estavam reunidos no cais, esperando a vez de se sentarem na cadeira portátil do doutor Rubicundo Loachamín, o dentista, que aliviava as dores dos seus pacientes graças a uma curiosa espécie de anestesia oral.

– Dói-te? – perguntava ele.

Os pacientes, aferrados aos braços da cadeira, respondiam abrindo desmesuradamente os olhos e a suar em bica.

Alguns pretendiam retirar das respectivas bocas as mãos insolentes do dentista e responder-lhe insultando-o como ele merecia, mas as suas intenções esbarravam nos braços fortes e na voz autoritária do odontologista.

– Quietos, carago! Tira as mãos! Já sei que dói. E quem é que tem a culpa? Quem? Eu? Quem tem a culpa é o Governo! Mete isso bem na moleirinha. O Governo é que tem a culpa de teres os dentes podres. O Governo é que tem a culpa de te doer.

Então os aflitos concordavam fechando os olhos ou com leves movimentos da cabeça.

O doutor Loachamín odiava o Governo. Todo e qualquer governo. Filho ilegítimo de um emigrante ibérico, dele herdou um enorme conflito com tudo o que soasse a autoridade, mas os motivos desse ódio perdeu-os no meio de uma pândega qualquer de juventude, de tal modo que o seu palavreado de anarquista se

transformou numa espécie de verruga moral que o tornava simpático.

Vociferava contra os governos que se sucediam da mesma maneira que vociferava contra os gringos que vinham às vezes das instalações petrolíferas do Coca, esses forasteiros desavergonhados que fotografavam sem autorização as bocas abertas dos seus pacientes.

Ali muito próximo, a reduzida tripulação do *Sucre* carregava cachos de bananas verdes e fardos de café em grão.

De um dos lados do cais amontoavam-se as caixas de cerveja, de aguardente *Frontera*, de sal, e as garrafas de gás que tinham desembarcado cedinho.

O *Sucre* largaria logo que o dentista acabasse de reparar queixadas, iria subindo as águas do rio Nangaritza para desembocar mais tarde no Zamora e, depois de quatro dias de lenta navegação, arribaria ao porto fluvial de El Dorado.

O barco, um velho caixote flutuante que se movia graças à decisão do seu mestre mecânico, ao esforço dos homens robustos que compunham a sua tripulação e à vontade tísica de um velho motor diesel, só regressaria depois de passada a estação das chuvas, que se anunciava no céu toldado.

O doutor Rubicundo Loachamín visitava El Idilio duas vezes por ano, exactamente como o funcionário dos Correios, que raramente levou correspondência para qualquer habitante. Da sua maleta gasta só saíam papéis oficiais para o administrador da circunscrição, ou os retratos dos governantes de turno, graves e descorados pela humidade.

As pessoas esperavam a chegada do barco sem outras esperanças além da de verem renovadas as suas provisões de sal, gás, cerveja e aguardente, mas recebiam o dentista com alívio, sobretudo os sobreviventes da malária, cansados de cuspir restos de dentadura e desejosos de ter a boca limpa de lascas, para experimentar uma das próteses arrumadas em cima de um pano arroxado de indiscutível aspecto cardinalício.

Enquanto disparatava contra o Governo, o dentista ia-lhes limpando as gengivas dos últimos restos de dentes, e a seguir mandava-os bochechar com aguardente.

- Bem, ora vamos lá ver. Que tal esta?
- Aperta-me. Não posso fechar a boca.
- Foda-se! Que tipos tão delicados! Vamos lá, experimenta

outra.

– Fica-me solta. Se espirrar, cai-me.

– E para que é que te hás-de constipar, meu chato? Abre a boca.

E obedeciam-lhe.

Depois de experimentar diversas dentaduras encontravam a mais cómoda e discutiam o preço, enquanto o dentista desinfetava as restantes mergulhando-as numa panela com cloro fervido.

A cadeira portátil do doutor Rubicundo Loachamín era uma verdadeira instituição para os habitantes das margens dos rios Zamora, Yacuambi e Nangaritzá.

Tratava-se, na realidade, de uma antiga cadeira de barbeiro com um pedestal e os bordos esmaltados de branco. A cadeira portátil precisava da força do mestre e dos tripulantes do *Sucre* para a levantarem, e estava assente, presa pelas pernas, em cima de um estrado de um metro quadrado a que o dentista chamava «a consulta».

– Na consulta mando eu, carago. Aqui faz-se o que eu digo. Quando eu descer daqui podem chamar-me arranca-queixais, fura-queixos, apalpa-línguas, o que quiserem, e até é possível que aceite uma golada que me ofereçam.

Os que estavam à espera de vez mostravam caras de sofrimento extremo, e os que passavam pelas pinças extractoras também não tinham melhor cara.

As únicas personagens sorridentes nas imediações da consulta eram os jíbaros, que olhavam, acorados.

Os jíbaros. Indígenas rejeitados pelo seu próprio povo, o Shuar, que os considerava envilecidos e degenerados pelos costumes dos «apaches», dos brancos.

Os jíbaros, vestidos com andrajos brancos, aceitavam sem protestos a alcunha-nome de campónios impingida pelos conquistadores espanhóis.

Havia uma enorme diferença entre um shuar altivo e orgulhoso, conhecedor das secretas regiões amazónicas, e um jíbaro como aqueles que estavam reunidos no cais de El Idilio à espera de um resto de álcool.

Os jíbaros sorriam, mostrando os dentes pontiagudos, afiados como pedras de rio.

– E vocês? Para que diabo é que estão para aí a olhar? Ainda

um dia me hão-de cair nas mãos, seus macacos – ameaçava-os o dentista.

Sentindo que ele estava a falar deles, os jíbaros respondiam felizes.

– Jíbaro bons dentes tendo. Jíbaro muita carne de macaco comendo.

Às vezes um paciente soltava um grito que espantava os pássaros, e afastava as pinças com uma palmada, enquanto levava a mão livre ao punho do machete.

– Vê lá se te portas como um homem, minha besta. Eu já sei que dói e disse-te de quem é a culpa. E depois vens-me com bravatas. Senta-te quietinho e mostra que os tens no sítio.

– É que me está a arrancar a alma, doutor. Deixe-me primeiro beber um gole.

O dentista suspirou depois de atender o último sofredor. Embrulhou no pano cardinalício as próteses que não tinham interessados e, enquanto desinfetava os instrumentos, viu passar a canoa de um shuar.

O indígena remava compassadamente, de pé, à popa da esguia embarcação. Ao chegar junto do *Sucre* deu uma série de remadelas que o colocaram ao lado do barco.

Assomou à borda a figura entediada do mestre. O shuar estava a explicar-lhe qualquer coisa, gesticulando com todo o corpo e cuspiendo constantemente.

O dentista acabou de secar os instrumentos e arrumou-os num estojo de cabedal. Depois, pegou no recipiente com os dentes arrancados e atirou-os à água.

O mestre e o shuar passaram ao seu lado a caminho da administração.

– Temos de esperar, doutor. Trazem um gringo morto.

A notícia não lhe agradou. O *Sucre* era um traste incómodo, sobretudo durante as viagens de regresso, com os flancos carregados de banana verde e café tardio, meio podre.

Se desatava a chover antes de tempo, o que parece que ia acontecer, já que o barco navegava com uma semana de atraso devido a diversas avarias, tinham então que tapar a carga, os passageiros e a tripulação debaixo de uma lona, sem espaço para pendurar as redes de dormir, e se a tudo isso se juntasse um morto a viagem seria duplamente incómoda.

O dentista ajudou a subir para bordo a cadeira portátil e a

seguir dirigiu-se para uma das extremidades do cais. Lá estava à sua espera Antonio José Bolívar Proaño, um velho de corpo seco que parecia não se importar com o facto de carregar com tamanho nome de prócere.

– Ainda não morreste, Antonio José Bolívar?

Antes de responder, o Velho cheirou os sovacos.

– Parece que não. Ainda não deito mau cheiro. E o senhor?

– Como vão os teus dentes?

– Tenho-os aqui – respondeu o Velho, levando uma mão ao bolso. Abriu um lenço descorado e mostrou-lhe a prótese.

– Então porque é que não os usas, velho estúpido?

– Já os vou pôr. Não estava nem a comer nem a falar. Para que é que havia de gastar isto?

O Velho colocou a dentadura, deu estalos com a língua, cuspiu generosamente e ofereceu-lhe a garrafa de *Frontera*.

– Vá lá. Acho que mereci um trago.

– Olhe que sim. Hoje arrancou vinte e sete dentes inteiros e um montão de pedaços, mas não ultrapassou a sua marca.

– Continuas a ter em dia a minha conta?

– Para isso é que servem os amigos. Para celebrar os dotes do outro. Dantes era melhor, não acha? Quando ainda vinham colonos jovens. Lembra-se daquele matarruano, daquele que deixou arrancar todos os dentes para ganhar uma aposta?

O doutor Rubicundo Loachamín inclinou a cabeça para pôr as recordações em ordem, e assim chegou à imagem do homem, não muito jovem e vestido de um modo rústico. Todo de branco, descalço, mas com esporas de prata.

O dito matarruano chegou à consulta acompanhado de uma vintena de indivíduos, todos muito bêbedos. Eram pesquisadores de oiro sem eira nem beira. Peregrinos, como lhes chamavam, e tanto lhes dava encontrarem oiro nos rios como nos sacos do próximo. O matarruano deixou-se cair na cadeira e olhou-o com uma expressão apatetada.

– Ora diz lá.

– Tiras-mos todos. Um por um, e vais-mos pondo aqui, em cima da mesa.

– Abre a boca.

O homem obedeceu e o dentista verificou que, juntamente com os queixais em ruínas, ainda lhe restavam muitos dentes, alguns furados e outros intactos.

– Ainda tens um bom par deles. Tens dinheiro para tantas extracções?

O homem abandonou a expressão apatetada.

– Dá-se o caso, doutor, que os amigos aqui presentes não acreditam em mim quando lhes digo que sou muito homem. Dá-se o caso que eu lhes disse que deixo que me arranquem todos os dentes, um por um, sem me queixar. Dá-se o caso que apostámos, e o senhor e eu dividiremos os ganhos a meias.

– Ao segundo que te arranquem já tu estarás todo borrado e a chamar pela mãezinha – gritou um do grupo, apoiado pelos outros com sonoras gargalhadas.

– É melhor ires emborcar mais umas goladas e pensares nisso. Eu não me presto a fanfarronadas – disse o dentista.

– Dá-se o caso, doutor, que, se o senhor não me permitir ganhar a aposta, lhe corto a cabeça com isto que aqui tenho.

Brilharam os olhos do matarruano enquanto acariciava o punho do machete.

E assim seguiu a aposta.

O homem abriu a boca e o dentista fez uma nova contagem. Eram quinze dentes, e, quando ele o disse, o que lançara o desafio formou uma fila de quinze pepitas de ouro em cima do pano cardinalício das próteses. Uma por cada dente, e os apostadores, a favor ou contra, cobriram as apostas com outras pepitas douradas. O número aumentou consideravelmente a partir da quinta.

O homem deixou-o arrancar os primeiros sete dentes sem mexer um músculo. Não se ouvia uma mosca, e, quando lhe arrancou o oitavo, foi acometido por uma hemorragia que em segundos lhe encheu a boca de sangue. O homem não conseguia falar, mas fez um sinal de pausa.

Cuspiu várias vezes formando grumos de sangue em cima do estrado e bebeu um longo gole que o fez revolver-se de dor na cadeira, mas não se queixou, e, depois de cuspir outra vez, ordenou-lhe com outro sinal que continuasse.

No final da carnificina, desdentado e de cara inchada até às orelhas, o matarruano mostrou uma expressão de triunfo horripilante ao dividir os ganhos com o dentista.

– Sim. Aqueles é que eram tempos – murmurou o doutor Loachamín, bebendo um longo gole.

A aguardente de cana queimou-lhe a garganta e devolveu a garrafa com uma careta.

– Não faça cara feia, doutor. Olhe que isto mata os bichos das tripas – disse Antonio José Bolívar, mas não pôde continuar.

Aproximavam-se duas canoas, e de uma delas emergia a cabeça jacente de um homem loiro.

Capítulo Segundo

O administrador da circunscrição, único funcionário, máxima autoridade e representante de um poder demasiadamente longínquo para infundir receio, era um indivíduo obeso que suava sem descanso.

Diziam os habitantes do lugar que a suadeira dele começara logo que pusera pé em terra depois de desembarcar do *Sucre*, e que desde então não deixara de espremer lenços, ganhando assim a alcunha de *A Babosa*.

Murmuravam também que, antes de chegar a El Idilio, esteve nomeado para uma cidade grande qualquer da serra e que, por causa de um desfalque, o mandaram para aquele recanto perdido da região oriental como castigo.

Suava, e a sua outra ocupação consistia em administrar a provisão de cerveja. Escorropichava as garrafas bebendo sentado à secretária, em goladas curtas, pois sabia que, depois de terminada a provisão, a realidade se tornaria mais desesperante.

Quando a sorte estava do seu lado, podia acontecer as suas securas serem recompensadas com a visita de um gringo bem abastecido de uísque. O administrador não bebia aguardente como os restantes habitantes da terra. Garantia que a *Frontera* lhe provocava pesadelos, e vivia acossado pelo fantasma da loucura.

Desde data imprecisa que vivia com uma indígena, que espancava selvaticamente, acusando-a de o ter embruxado, e todos estavam à espera de que a mulher o assassinasse. Até se faziam apostas a tal respeito.

Desde o momento da sua chegada, sete anos antes, tornara-se odiado por todos.

Chegou com a mania de cobrar impostos por razões

incompreensíveis. Pretendeu vender licenças de pesca e caça num território ingovernável. Quis cobrar direito de usufruto aos apanhadores de lenha que juntavam madeira húmida numa floresta mais antiga que todos os estados e, num arroubo de zelo cívico, mandou construir uma choça de canas para fechar lá os bêbedos que se negavam a pagar as multas por alteração da ordem pública.

A sua passagem provocava olhares depreciativos, e o seu suor recompensava o ódio da gente do lugar.

Em contrapartida, o anterior titular, esse sim, fora um homem querido. O seu lema era viver e deixar viver. A ele deviam as vindas do barco e as visitas do correio e do dentista, mas durou pouco tempo no cargo.

Certa tarde envolveu-se numa altercação com uns garimpeiros, e dois dias depois foram dar com ele de cabeça aberta a golpes de machete e meio devorado pelas formigas.

El Idilio ficou alguns anos sem autoridade que salvaguardasse a soberania equatoriana daquela floresta sem limites possíveis, até que o poder central mandou o castigado.

Todas as segundas-feiras – ele tinha a obsessão das segundas-feiras – o viam a içar a bandeira num pau do cais, até que uma tempestade levou o trapo pela floresta adentro, e com ele a certeza dos dias de segunda-feira, que não interessavam a ninguém.

O administrador chegou ao cais. Passava um lenço pela cara e pelo pescoço. Espremendo-o, ordenou que fizessem subir o cadáver.

Tratava-se de um homem novo, de não mais de quarenta anos, loiro e de forte compleição.

– Onde é que o encontraram?

Os shuar olharam uns para os outros, sem saber se haviam ou não de responder.

– Estes selvagens não percebem castelhano? – grunhiu o administrador.

Um dos indígenas decidiu responder.

– Rio acima. A dois dias daqui.

– Deixem-me ver a ferida – ordenou o administrador.

O segundo indígena moveu a cabeça do morto. Os insectos tinham-lhe devorado o olho direito e o esquerdo ainda ostentava um brilho azul. Apresentava um rasgão que começava no queixo e

acabava no ombro direito. Pela ferida viam-se restos de artérias e alguns vermes esbranquiçados.

– Foram vocês que o mataram.

Os shuar retrocederam.

– Não. Shuar não matando.

– Não mintam. Despacharam-no com um golpe de machete.

Vê-se bem clarinho.

O gordo a escorrer suor puxou do revólver e apontou aos surpreendidos indígenas.

– Não. Shuar não matando – atreveu-se a repetir o que falara.

O administrador fê-lo calar-se com uma pancada com a coronha da arma.

Um delgado fio de sangue brotou da testa do shuar.

– A mim não me vêm aldrabar como se eu fosse parvo. Foram vocês que o mataram. Andando. Lá na administração é que me vão dizer os motivos. Mexam-se, seus selvagens. E o senhor, capitão, prepare-se para levar dois presos no barco.

O mestre do *Sucre* encolheu os ombros como única resposta.

– Desculpe, mas está a mijar fora do penico. Essa ferida não é de um machete. – Era a voz de Antonio José Bolívar.

O administrador espremeu o lenço furiosamente.

– E tu que sabes disto?

– Eu sei o que vejo.

O Velho aproximou-se do cadáver, inclinou-se, rodou-lhe a cabeça e abriu a ferida com os dedos.

– Está a ver as carnes abertas em tiras? Está a ver como no queixo são mais profundas e, à medida que descem, se vão tornando mais superficiais? Vê que não é um, mas sim quatro cortes?

– Que diabo queres tu dizer-me com isso?

– Que não há machetes de quatro lâminas. Marcas de garras. São garras de uma onça. Foi morto por um animal adulto. Venha cá. Cheire.

O administrador passou o lenço pela nuca.

– Cheirar? Que está a apodrecer vejo eu.

– Agache-se e cheire. Não tenha medo do morto nem dos vermes. Cheire a roupa, o cabelo, tudo.

Vencendo a repugnância, o gordo inclinou-se e cheiricou com trejeitos de cão temeroso, sem se aproximar muito.

– A que é que cheira? – perguntou o Velho.

Aproximaram-se outros curiosos para cheirar também os despojos.

– Não sei. Sabe-se lá. A sangue, a vermes – respondeu o administrador.

– Fede a mijó de gato – disse um dos curiosos.

– De gata. A mijó de gata grande – especificou o Velho.

– Isso não prova que não foram estes que o mataram.

O administrador tentou recuperar a sua autoridade, mas a atenção dos concidadãos centrava-se em Antonio José Bolívar.

O Velho tornou a examinar o cadáver.

– Foi morto por uma fêmea. O macho deve andar por aí, talvez ferido. A fêmea matou-o e a seguir mijou-lhe em cima para o marcar, para que os outros animais não o comessem enquanto ela ia à procura do macho.

– Historietas de velha. Estes selvagens mataram-no e depois humedeceram-no com mijó de gato. Vocês engolem qualquer patranha – declarou o administrador.

Os indígenas quiseram replicar, mas o cano da arma apontado a eles foi uma ordem imperativa para guardarem silêncio.

– E porque é que haviam de fazer isso? – interveio o dentista.

– Porquê? Estranho a sua pergunta, doutor. Para o roubarem. Que outro motivo têm eles? Estes selvagens não se detêm diante de nada.

O Velho abanou a cabeça incomodado e olhou para o dentista. Este compreendeu de que é que Antonio José andava à procura e ajudou-o a depositar os pertences do morto em cima das tábuas do cais.

Um relógio de pulso, uma bússola, uma carteira com dinheiro, um isqueiro a gasolina, uma faca de caça, um fio de prata com a figura de uma cabeça de cavalo. O Velho falou a um dos shuar no seu idioma e o indígena saltou para a canoa para lhe entregar uma mochila de lona verde.

Quando a abriram, encontraram munições de espingarda e cinco peles de onças muito pequenas. Peles de gato mosqueado que não mediam mais que um palmo. Estavam húmidas de sal e fediam, embora não tanto como o morto.

– Bem, excelência, parece-me que tem o caso resolvido – disse o dentista.

O administrador, suando sempre, olhava para os shuar, para o Velho, para a gente da terra, para o dentista, e não sabia o que

havia de dizer.

Os indígenas, logo que viram as peles, trocaram entre si nervosas palavras e saltaram para as canoas.

– Alto! Vocês esperam aqui até eu decidir outra coisa – ordenou o gordo.

– Deixe-os ir. Têm bons motivos para isso. Ou será que ainda não entendeu?

O Velho olhava para o administrador e abanava a cabeça. De repente, pegou numa das peles e atirou-lha. O gordo suado recebeu-a com um gesto de nojo.

– Pense, doutor. Tantos anos aqui e não aprendeu nada. Pense. O gringo filho da puta matou as crias e feriu, com certeza, o macho. Olhe para o céu, está quase a desatar a chover. Imagine o quadro. A fêmea deve ter saído à caça para encher a barriga e amamentá-los durante as primeiras semanas de chuva. Os filhotes não estavam desmamados e o macho ficou a cuidar deles. É assim que se passa entre os animais, e assim os deve ter surpreendido o gringo. Agora a fêmea anda por aí louca de dor. Agora anda à caça do homem. Deve ter-lhe sido fácil seguir a pista do gringo. O infeliz carregava consigo o cheiro a leite cujo rasto a fêmea encontrou. Já matou um homem. Já sentiu e conheceu o sabor do sangue humano e, para o pequeno cérebro do bicho, todos nós, homens, somos os assassinos da sua ninhada, para ela todos temos o mesmo cheiro. Deixe ir os shuar embora. Têm de dar o aviso na sua aldeia e nas próximas. Cada dia que passar tornará a fêmea mais desesperada e perigosa, e procurará sangue perto dos povoados. Gringo filho de uma grande puta! Olhe para as peles. Pequenas, não servem para nada. Caçar com as chuvas a chegar, e com espingarda! Olhe para as perfurações que têm. Está a compreender? O senhor a acusar os shuar e agora temos que o infractor é gringo. A caçar fora da temporada, e espécies proibidas. E se está a pensar na arma, garanto-lhe que os shuar não a têm, pois encontraram-no muito longe do lugar onde morreu. Não acredita? Repare nas botas. A parte dos saltos está despegada. Quer isto dizer que a fêmea o arrastou um bom pedaço depois de o matar. Olhe para os rasgões na camisa, no peito. Foi por ali que o animal o agarrou para o puxar. Pobre gringo. A morte deve ter sido horrorosa. Olhe para a ferida. Uma das garras dilacerou-lhe a jugular. Deve ter agonizado durante uma meia hora enquanto a fêmea lhe bebia o sangue que jorrava

em borbotões, e depois, inteligente animal, arrastou-o até à margem do rio para impedir que as formigas o devorassem. Então mijou-o, marcando-o, e devia andar à procura do macho quando os shuar o encontraram. Deixe-os ir e peça-lhes que avisem os garimpeiros que acampam na margem. Uma onça transtornada de dor é mais perigosa que vinte assassinos juntos.

O administrador não respondeu nem uma palavra e foi escrever o auto de notícia para o posto policial de El Dorado.

Notava-se o ar cada vez mais quente e mais espesso. Pegajoso, adería à pele como uma película incómoda, e trazia da floresta o silêncio que antecede a tormenta. De um momento para o outro, iriam abrir-se as comportas do céu.

Da administração chegava o lento matraquear de uma máquina de escrever, enquanto dois homens terminavam o caixão para transportar o cadáver que esperava esquecido em cima das tábuas dos cais.

O mestre do *Sucré* praguejava olhando para o céu a pingar e não parava de insultar o morto. Ele mesmo se encarregou de forrar o caixão com uma camada de sal, sabendo que não iria servir de muito.

O que havia a fazer era o costume com qualquer pessoa morta na floresta, e que por absurdas disposições jurídicas não podia ser esquecida numa clareira: abrir-lhe um bom corte desde o pescoço até à virilha, esvaziá-la da tripalhada e encher o corpo com sal. Dessa maneira chegavam apresentáveis ao fim da viagem. Mas, neste caso, tratava-se de um maldito gringo e era preciso levá-lo inteiro, com os vermes a comê-lo por dentro, e quando desembarcasse nada mais seria que um pestilento saco de humores.

O dentista e o Velho contemplavam o rio que passava sentados em garrafas de gás. De vez em quando passavam um ao outro a garrafa de *Frontera* e fumavam charutos de folha dura, dos que a humidade não apaga.

– Caramba, Antonio José Bolívar, deixaste sua excelência sem pio. Não te conhecia como detective. Humilhaste-o diante de todos, e bem o merece. Espero que ainda um dia os jíbaros lhe espetem um dardo.

– É a mulher que o vai matar. Está a acumular ódio, mas ainda não juntou o suficiente. É coisa que leva tempo.

– Olha, com toda a confusão do morto já quase me esquecia.

Trouxe-te dois livros.

Os olhos do Velho iluminaram-se.

– De amor?

O dentista assentiu.

Antonio José Bolívar Proaño lia romances de amor, e em cada uma das suas viagens o dentista abastecia-o de leitura.

– São tristes? – perguntava o Velho.

– De chorar rios de lágrimas – garantia o dentista.

– Com pessoas que se amam mesmo?

– Como ninguém nunca amou.

– Sofrem muito?

– Eu quase não consegui suportar – respondia o dentista. Mas o doutor Rubicundo Loachamín não lia os romances.

Quando o Velho lhe pediu o favor de lhe trazer leitura, indicando muito claramente as suas preferências – sofrimentos, amores infelizes e desfechos felizes –, o dentista sentiu que estava perante um encargo difícil de cumprir.

Pensava em como seria ridículo entrar numa livraria de Guaiaquil e pedir: «Dê-me um romance bem triste, com muito sofrimento por causa do amor e com um final feliz». Haviam de tomá-lo por um velho maricas, e a solução veio ele a encontrá-la inesperadamente num bordel da marginal.

O dentista gostava das pretas, primeiro porque eram capazes de dizer palavras que punham de pé um pugilista KO e, segundo, porque não suavam na cama.

Uma tarde, estava ele a retouçar com Josefina, uma esmeraldina de pele brilhante como a de um tambor, quando viu um lote de livros arrumados em cima da cómoda.

– Tu lêes? – perguntou.

– Leio. Mas devagarinho – respondeu a mulher.

– E quais são os livros de que gostas mais?

– Os romances de amor – respondeu Josefina, acrescentando os mesmos gostos de Antonio José Bolívar. A partir dessa tarde Josefina foi alternando os seus deveres de dama de companhia com os de crítico literário e, de seis em seis meses, seleccionava os dois romances que, na sua opinião, proporcionavam maiores sofrimentos, os mesmos que mais tarde Antonio José Bolívar Proaño lia na solidão da sua choça diante do rio Nangaritza.

O Velho recebeu os livros, examinou as capas e declarou que gostava.

Naquele momento estavam a subir o caixão para bordo e o administrador vigiava a manobra. Ao ver o dentista, ordenou a um homem que se aproximasse dele.

– O administrador manda dizer que não se esqueça dos impostos.

O dentista entregou-lhe as notas já preparadas, acrescentando:

– Como é que lhe passa pela cabeça? Diz-lhe que eu sou um bom cidadão.

O homem regressou para junto do administrador. O gordo recebeu as notas, fê-las desaparecer numa algibeira e cumprimentou o dentista levando uma das mãos à testa.

– Também a mim me agarrou com isso dos impostos – comentou o Velho.

– Mordidelas. Os governos vivem das dentadas traiçoeiras que aplicam aos cidadãos, já não é mal de todo quando são dadas por um cachorrinho.

Fumaram e beberam mais umas goladas enquanto viam passar a eternidade verde do rio.

– Vejo-te pensativo, Antonio José Bolívar. Solta.

– Tem razão. Não me agrada nada este caso. Tenho a certeza de que *A Babosa* está a pensar numa batida e me vai chamar. Não me agrada. Viu a ferida? Uma unhada limpa. O animal é grande e as garras devem medir uns cinco centímetros. Um bicho assim, por muito esfomeado que esteja, não deixa de ser vigoroso. Além disso, vêm aí as chuvas. Apagam-se os rastos e a fome torna-os mais astutos.

– Podes negar-te a participar na caçada. Já estás velho para essas andanças.

– Não pense nisso. Às vezes dá-me vontade de casar outra vez. Até pode acontecer um destes dias surpreendê-lo pedindo-lhe que seja meu padrinho.

– Aqui entre nós, quantos anos tens, Antonio José Bolívar?

– Tenho de mais. Uns sessenta segundo os papéis, mas, se levarmos em conta que me inscreveram quando eu já andava, digamos que vou para os setenta.

As badaladas do *Sucre* anunciando a partida obrigaramnos a despedir-se.

O Velho permaneceu no cais até que o barco desapareceu tragado por uma curva do rio. Decidiu então que naquele dia não falaria com mais ninguém, e tirou a dentadura postiça,

embrulhou-a num lenço e, apertando os livros junto ao peito, dirigiu-se para a sua choça.

Capítulo Terceiro

Antonio José Bolívar sabia ler, mas não escrever.

O mais que conseguia era garatujar o nome quando tinha de assinar qualquer papel oficial, por exemplo, na época das eleições, mas, como tais acontecimentos ocorriam muito esporadicamente, já quase se tinha esquecido.

Lia lentamente, juntando as sílabas, murmurando-as a meia voz como se as saboreasse, e, quando tinha a palavra inteira dominada, repetia-a de uma só vez. Depois fazia o mesmo com a frase completa, e dessa maneira se apropriava dos sentimentos e ideias plasmados nas páginas.

Quando havia uma passagem que lhe agradava especialmente, repetia-a muitas vezes, todas as que achasse necessárias para descobrir como a linguagem humana também podia ser bela.

Lia com o auxílio de uma lupa, o segundo dos seus pertences mais queridos. O primeiro era a dentadura postiça.

Vivia numa choça feita de canas de uns dez metros quadrados dentro dos quais arrumava o seu escasso mobiliário: a rede de dormir de juta, o caixote de cerveja com o fogão a querosene em cima, e uma mesa alta, muito alta, porque, quando sentiu pela primeira vez dores nas costas, percebeu que os anos lhe estavam a carregar e decidiu sentar-se o menos possível.

Construiu então a mesa de pernas compridas, que lhe servia para comer de pé e para ler os seus romances de amor.

A choça era protegida por uma cobertura de palha entrançada e tinha uma janela aberta para o rio. Era a ela que estava encostada a mesa alta.

Junto da porta estava pendurada uma toalha esfiapada e a barra de sabão renovada duas vezes por ano. Era um bom sabão,

com penetrante cheiro a sebo, e lavava bem a roupa, os pratos, os cacos de cozinha, o cabelo e o corpo.

Numa parede, aos pés da rede, estava pendurado um retrato retocado por um artista serrano onde se via um casal jovem.

O homem, Antonio José Bolívar Proaño, vestia um fato azul de rigor, camisa branca e uma gravata às riscas que só existiu na imaginação do retratista.

A mulher, Dolores Encarnación del Santísimo Sacramento Estupiñán Otavalo, vestia umas roupas que, essas sim, existiram e continuavam a existir nos recantos obstinados da memória, nos mesmos onde se põe de atalaia o moscardo da solidão.

Uma mantilha de veludo azul conferia dignidade à cabeça, sem ocultar de todo a brilhante cabeleira negra, dividida ao meio, numa viagem vegetal até às costas. Das orelhas pendiam argolas circulares douradas, e o pescoço estava rodeado de várias voltas de contas igualmente douradas.

A parte do peito que aparecia no retrato mostrava uma blusa ricamente bordada à moda de Otavalo, e mais acima a mulher sorria com uma boca pequena e vermelha.

Conheceram-se em crianças em San Luis, uma povoação serrana junto do vulcão Imbadura. Tinham treze anos quando os comprometeram, e depois de uma festa celebrada dois anos mais tarde, em que não participaram por aí além, inibidos perante a ideia de estarem metidos numa aventura grande de mais para eles, deram consigo casados.

O casal de crianças viveu os primeiros três anos de casados em casa do pai da mulher, um viúvo muito velho, que se comprometeu a fazer testamento a favor deles em troca de cuidados e rezas.

Quando o velho morreu andavam pelos dezanove anos e herdaram uns poucos metros de terra, insuficientes para sustentar uma família, além de alguns animais domésticos que se foram com os gastos do velório.

Passava o tempo. O homem cultivava a propriedade familiar e trabalhava em terrenos de outros proprietários. Viviam apenas com o imprescindível, e a única coisa que tinham de sobra eram os comentários maldizentes que a ele não faziam moça, mas que enfureciam Dolores Encarnación del Santísimo Sacramento Estupiñán Otavalo.

A mulher não engravidava. Todos os meses recebia os seus

sangues com odiosa pontualidade, e depois de cada período menstrual aumentava o isolamento.

– Nasceu erma – diziam algumas velhas.

– Eu vi-lhe os primeiros sangues. Traziam vermes mortos – garantia outra.

– Está morta por dentro. Para que serve uma mulher assim? – comentavam.

Antonio José Bolívar Proaño tentava consolá-la, e andavam de curandeiro em curandeiro, experimentando toda a espécie de ervas e unguentos para a fertilidade.

Tudo em vão. De mês para mês, mais a mulher se escondia num recanto da casa para receber o fluxo da desonra.

Decidiram abandonar a serra quando propuseram ao homem uma solução que o indignou.

– Pode ser que sejas tu que falhas. Tens que a deixar só nas festas de San Luis.

Estavam a propor-lhe que a levasse aos festejos de Junho, obrigando-a a participar no baile e na grande bebedeira colectiva que começaria mal o prior se fosse embora. Então, todos continuariam a beber estendidos no chão da igreja, até que a aguardente de cana, a «pura» generosa saída dos engenhos, provocasse uma confusão de corpos ao abrigo da escuridão.

Antonio José Bolívar Proaño negou-se à possibilidade de ser pai de um filho de Carnaval. Por outro lado, ouvira qualquer coisa acerca de um plano de colonização da Amazónia. O Governo prometia grandes extensões de terra e ajuda técnica em troca de se povoarem territórios disputados ao Peru. Talvez uma mudança de clima corrigisse a anormalidade de que um dos dois padecia.

Pouco antes das festividades de San Luis, reuniram os escassos pertences, fecharam a casa e empreenderam a viagem.

Chegar até ao porto fluvial de El Dorado levou-lhes duas semanas. Fizeram alguns troços de autocarro, outros de camião, outros simplesmente a pé, atravessando cidades de costumes estranhos, como Zamora ou Loja, onde os indígenas saragurus insistem em vestir-se de preto, perpetuando o luto pela morte de Atahualpa.

Depois de outra semana de viagem, desta vez de canoa, com os membros inteiriçados pela falta de movimento, chegaram a um cotovelo de rio. A única construção era uma enorme cabana de zinco que fazia de escritório, de loja de sementes e de ferramentas

e de alojamento dos colonos recém-chegados. Era aquilo El Idílio.

Ali, depois de uma breve tramitação, foi-lhes entregue um papel pomposamente selado que os acreditava como colonos.

Atribuíram-lhes dois hectares de floresta, um par de machetes, umas pás, uns fardos de sementes devoradas pelo gorgulho e a promessa de um apoio técnico que nunca chegaria.

O casal entregou-se à tarefa de construir precariamente uma choça, e seguidamente puseram-se a desbravar a terra. Trabalhando desde o alvorecer até ao fim do dia arrancavam uma árvore, umas lianas, umas plantas, e ao amanhecer do dia seguinte viam-nas crescer de novo, com um vigor vingativo.

Quando chegou a primeira estação das chuvas, acabaram-se-lhes as provisões e não sabiam que fazer. Alguns colonos tinham armas, velhas espingardas, mas os animais selvagens eram rápidos e astutos. Até os peixes do rio pareciam fazer troça saltando à frente deles sem se deixar apanhar.

Isolados pelas chuvas, por aqueles vendavais que não conheciam, consumiam-se no desespero de se saberem condenados a esperar um milagre, contemplando o incessante crescimento do rio e a sua passagem arrastando troncos e animais inchados.

Começaram a morrer os primeiros colonos. Uns, por comerem frutos desconhecidos; outros, atacados por febres rápidas e fulminantes; outros desapareciam na barriga aumentada de uma jibóia quebra-ossos que primeiro os envolvia, e depois os triturava e engolia num prolongado e horrendo processo de ingestão.

Sentiam-se perdidos, numa estéril luta com a chuva que a cada arremetida ameaçava levar-lhes a choça, com os mosquitos que em cada pausa do aguaceiro atacavam com uma ferocidade indefensável, tomando conta de todo o corpo, picando, sugando, deixando ardentes inchaços e larvas debaixo da pele, as quais daí a pouco tempo haveriam de procurar a luz abrindo feridas supurantes no seu caminho para a liberdade verde, com os animais famintos que rondavam pelo campo povoando-o de sons assustadores que não deixavam conciliar o sono – até que a salvação lhes veio com o aparecimento de uns homens seminus, de caras pintadas com polpa de urucu e adornos multicoloridos nas cabeças e nos braços.

Eram os shuar, que, compadecidos, se aproximavam para lhes dar a mão.

Com eles aprenderam a caçar, a pescar, a erguer choças estáveis e resistentes aos vendavais, a reconhecer os frutos comestíveis e os venenosos, e, sobretudo, com eles aprenderam a arte de conviver com a floresta.

Passada a estação das chuvas, os shuar ajudaram-nos a desbravar encostas, avisando-os de que tudo aquilo era em vão.

Apesar das palavras dos indígenas, semearam as primeiras sementes e não lhes levou muito tempo a descobrir que a terra era fraca. As constantes chuvas lavavam-na de tal forma que as plantas não recebiam o sustento necessário e morriam sem florescer, de debilidade, ou devoradas pelos insectos.

Quando chegou a estação das chuvas seguinte, os campos tão duramente trabalhados deslizaram pela encosta abaixo com a primeira chuvada.

Dolores Encarnación del Santísimo Sacramento Estupiñán Otavalo não resistiu ao segundo ano e foi-se entre febres altíssimas, consumida até aos ossos pela malária.

Antonio José Bolívar Proaño compreendeu que não podia regressar ao povoado serrano. Os pobres perdoam tudo, menos o fracasso.

Era obrigado a ficar, a permanecer apenas acompanhado de recordações. Queria vingar-se daquela região maldita, daquele inferno verde que lhe arrebatara o amor e os sonhos. Sonhava com um grande fogo que convertesse a Amazónia inteira numa pira.

E, na sua impotência, descobriu que não conhecia suficientemente a floresta para poder odiá-la.

Aprendeu o idioma shuar participando com eles nas caçadas. Caçavam tapires, pacas, capivaras, *saínos* (pequenos javalis de carne saborosíssima), macacos, aves e répteis. Aprendeu a valer-se da zarabatana, silenciosa e efectiva na caça, e da lança para os velozes peixes.

Com eles abandonou os seus pudores de camponês católico. Andava seminu e evitava o contacto com os novos colonos, que o olhavam como um demente.

Antonio José Bolívar Proaño nunca pensou na palavra liberdade, e desfrutava dela à sua vontade na floresta. Por mais que tentasse reviver o seu projecto de ódio, não deixava de se sentir a seu gosto naquele mundo, até que o foi esquecendo, seduzido pelos convites daquelas paragens sem limites e sem

donos.

Comia quando sentia fome. Selecionava os frutos mais saborosos, recusava certos peixes por lhe parecerem lentos, seguia o rasto de um animal selvagem e ao tê-lo ao alcance de tiro de zarabatana o seu apetite mudava de opinião.

Ao cair da noite, se desejava estar sozinho, deitava-se debaixo de uma canoa, e se, pelo contrário, precisava de companhia, procurava os shuar.

Estes acolhiam-no gostosamente. Partilhavam a sua comida, os seus charutos de folha, e tagarelavam longas horas cuspindo profusamente em redor da eterna fogueira de três paus.

– Como é que nós somos? – perguntavam-lhe eles.

– Simpáticos como um bando de micos, faladores como os papagaios bêbedos e gritadores como os diabos.

Os shuar recebiam as comparações com gargalhadas e soltando sonoros peidos de contentamento.

– Além, donde tu vens, como é que és?

– Frio. As manhãs e as tardes são muito geladas. É preciso usar ponchos compridos, de lã, e chapéus.

– Por isso cheiram mal. Quando cagam sujam o poncho.

– Não. Bem, às vezes acontece. O que se passa é que, com o frio, não podemos tomar banho como vocês, quando querem.

– Os vossos macacos também andam de poncho?

– Não há macacos na serra. E *saínos* também não. As pessoas da serra não caçam.

– Então, que é que comem?

– O que se pode. Papas, milho. Às vezes um porco ou uma galinha, em dias de festa. Ou uma cobaia nos dias de mercado.

– E que é que fazem, se não caçam?

– Trabalhar. Desde que o sol se levanta até se esconder.

– Que malucos! Que malucos! – sentenciavam os shuar.

Cinco anos depois de ali estar compreendeu que nunca mais abandonaria aquelas paragens. Dois dentes silenciosos se encarregaram de lhe transmitir a mensagem.

Com os shuar aprendeu a deslocar-se pela floresta assentando todo o pé no chão, de olhos e ouvidos atentos a todos os murmúrios e sem deixar de fazer oscilar o machete a todo o momento. Num instante de descuido cravou-o no chão para arrumar a carga de frutos e, ao tentar pegar nele outra vez, sentiu as presas ardentes de uma víbora *equis* a entrar-lhe pelo pulso

direito.

Ainda chegou a ver o réptil, de um metro de comprido, a afastar-se, traçando um xis no chão – é daí que lhe vem o nome¹ – e actuou com rapidez. Saltou empunhando o machete na mesma mão atacada e cortou-o em várias postas até a nuvem de veneno lhe cobrir os olhos.

Às apalpadelas, procurou a cabeça do réptil e, sentindo que a vida se lhe esgotava, dirigiu-se a uma aldeia shuar.

Os indígenas viram-no chegar cambaleante. Já não podia falar, pois a língua, os membros, todo o corpo estava inchado de forma desmesurada. Parecia que ia rebentar de um momento para o outro, e conseguiu mostrar a cabeça do réptil antes de perder os sentidos.

Despertou vários dias depois com o corpo ainda inchado e a tiritar dos pés à cabeça quando as febres o abandonavam.

Um feiticeiro shuar devolveu-lhe a saúde num lento processo de cura.

Beberagens de ervas aliviaram-no do veneno. Banhos de cinza fria atenuaram-lhe as febres e os pesadelos. E uma dieta de miolos, fígados e rins de macaco permitiu-lhe andar ao fim de três semanas.

Durante a convalescença proibiram-no de se afastar da aldeia, e as mulheres mostraram-se rigorosas com o tratamento para lavar o corpo.

– Ainda tens veneno lá dentro. Tens de deitar fora a maior parte e deixar só a porção que te defenderá de novas mordeduras.

Atestavam-no de frutos sumarentos, águas de ervas e outras beberagens até o fazerem urinar quando já não tinha vontade.

Quando o viram totalmente recomposto, os shuar aproximaram-se com presentes. Uma nova zarabatana, um feixe de dardos, um colar de pérolas do rio, um pequeno cinto de penas de tucano, dando-lhe palmadas até o levarem a compreender que tinha passado por uma prova de aceitação, determinada nada mais nada menos que pelo capricho de deuses brincalhões, deuses menores, amiúde ocultos entre os escaravelhos ou entre os pirilampos, quando querem confundir os homens e se vestem de estrelas para indicar falsas clareiras na floresta.

Sem pararem de lhe prestar homenagens, pintaram-lhe o corpo com as tintas furta-cores da jibóia e pediram-lhe que dançasse com eles.

Era um dos poucos sobreviventes de uma mordedura de *equis*, o que era coisa para celebrar com a Festa da Serpente.

No final da celebração bebeu pela primeira vez a *natema*, o doce licor alucinogêneo que se prepara fervendo as raízes da *yahuasca*, e no sonho alucinado viu-se a si mesmo como parte inegável daqueles lugares em permanente mutação, como mais um pêlo daquele infinito corpo verde, pensando e sentindo como um shuar, e deu consigo de repente vestindo os enfeites do caçador experimentado, seguindo pistas de um animal inexplicável, sem forma nem tamanho, sem odor nem sons, mas dotado de dois brilhantes olhos amarelos.

Foi um sinal indecifrável que lhe ordenou que ficasse, e assim fez.

Mais tarde, tomou por compadre Nushiño, um shuar que também viera de longe, tanto que a descrição do seu lugar de origem se perdia entre os rios afluentes do Grande Maranhão. Nushiño chegou um dia com uma ferida de bala nas costas, recordação de uma expedição civilizadora dos militares peruanos. Chegou sem dar acordo de si e quase exangue, depois de penosos dias de navegação à deriva.

Os shuar de Shumbi curaram-no e, depois de se recompor, autorizaram-no a ficar, pois a irmandade de sangue assim o permitia.

Percorriam juntos o mato. Nushiño era forte. De cintura estreita e ombros largos, nadava desafiando os golfinhos do rio, e estava sempre de excelente humor.

Eram vistos a seguir a pista de uma peça de caça grande, meditando acerca da cor dos excrementos deixados pelo animal, e, depois de terem a certeza de o ter na mão, Antonio José Bolívar esperava numa clareira da floresta enquanto Nushiño fazia sair o bicho da mata, obrigando-o a ir ao encontro do dardo envenenado.

Às vezes caçavam um *saíno* para os colonos, e o dinheiro que recebiam deles não tinha outro valor que o de troca por um machete novo ou por um fardo de sal.

Quando não caçava na companhia do compadre Nushiño, dedicava-se a seguir o rasto de serpentes venenosas.

Sabia andar à sua volta assobiando num tom agudo que as desorientava até se aproximar delas, até as apanhar frente a frente. Então, repetia com um braço os movimentos do réptil até

o confundir, até passar além da imitação e fazer ele os movimentos que o réptil repetia, hipnotizado. Então o outro braço actuava certo. A mão agarrava pelo pescoço a surpreendida serpente e obrigava-a a soltar todas as gotas de veneno enterrando os dentes nos bordos de uma cabaça oca.

Caída a última gota, o réptil afrouxava os seus anéis, sem forças para continuar a odiar, ou entendendo que o seu ódio era inútil, e Antonio José Bolívar atirava-o com desprezo para o meio da folhagem.

Pagavam bem pelo veneno. Duas vezes por ano aparecia o agente de um laboratório onde preparavam soro antiofídico para comprar os frascos mortais.

Aconteceu algumas vezes o réptil ser mais rápido, mas isso não lhe importava. Sabia que iria inchar como um sapo e delirar com febres durante uns dias, mas viria depois o momento da desforra. Estava imune, e gostava de se vangloriar entre os colonos mostrando os braços cobertos de cicatrizes.

A vida na floresta temperou-lhe cada pormenor do corpo. Adquiriu músculos felinos que, com o passar dos anos, se tornaram secos. Sabia tanto da floresta como um shuar. Era tão bom a seguir rastos como um shuar. Nadava tão bem como um shuar. Ao fim e ao cabo, era como se fosse um deles, mas não era um deles.

Por essa razão tinha de ir-se embora de vez em quando, porque – explicavam-lhe – era bom que não fosse um deles. Gostavam de vê-lo, de tê-lo, e gostavam também de sentir a sua ausência, da tristeza de não poderem falar com ele e do sobressalto jubiloso no coração ao vê-lo aparecer outra vez.

Sucediam-se as estações de chuvas e de bonança. Entre estação e estação, conheceu os ritos e segredos daquele povo. Participou na diária homenagem às cabeças reduzidas dos inimigos mortos como guerreiros dignos e, acompanhando os seus anfitriões, entoava os *anents*, os cânticos de gratidão pela coragem transmitida e os desejos de uma paz duradoira.

Partilhou o festim generoso oferecido pelos velhos que decidiam ter chegado a hora de «partir», e quando estes adormeciam sob os efeitos da *chicha* e da *natema*, no meio de felizes visões alucinadas que lhes abriam as portas de futuras existências já delineadas, ajudou a levá-los para uma choça mais distante e a cobrir-lhes os corpos com o dulcíssimo mel da *chonta*.

No dia seguinte, entoando *anents* de saudação àquelas novas vidas, agora com formas de peixes, borboletas ou animais sábios, participou no acto de reunir ossos brancos, limpíssimos, os desnecessários despojos dos anciãos transportados para as outras vidas pelas mandíbulas implacáveis das formigas *añango*.

Durante a sua vida entre os shuar não precisou dos romances de amor para saber isso.

Não era um deles e, portanto, não podia ter esposas. Mas era como um deles, de tal maneira que o shuar anfitrião, durante a estação das chuvas, lhe rogava que aceitasse uma das suas mulheres para maior orgulho da sua casta e da sua casa.

A mulher ofertada levava-o até à margem do rio. Ai, entoando *anents*, lavava-o, enfeitava-o e perfumava-o, para depois regressar à choça e retouçar em cima de uma esteira, de pés para cima, suavemente amornados por uma fogueira, sem deixar em momento algum de entoar *anents*, poemas nasais que descreviam a beleza dos seus corpos e a alegria do prazer aumentado infinitamente pela magia da descrição.

Era o amor puro sem outro fim que o próprio amor. Sem posse e sem ciúme.

– Ninguém consegue atar um trovão e ninguém consegue apropriar-se dos céus do outro no momento do abandono.

Foi o que lhe explicou uma vez o compadre Nushiño.

Vendo passar o rio Nangaritza poderia pensar que o tempo se furtava àquele recanto amazónico, mas as aves sabiam que poderosas línguas avançavam do Ocidente, esgaravando no corpo da floresta.

Enormes máquinas abriam caminhos e os shuar aumentaram a sua mobilidade. Já não permaneciam os costumados três anos no mesmo lugar, para depois se deslocarem e permitirem a recuperação da natureza. Entre estação e estação carregavam com as suas choças e os ossos dos seus mortos, afastando-se dos estranhos que apareciam a ocupar as margens do Nangaritza.

Chegavam mais colonos, agora chamados com promessas de desenvolvimento no gado e nas madeiras. Com eles chegava também o álcool desprovido de ritual e, por conseguinte, a degeneração dos mais fracos. E, sobretudo, aumentava a peste dos pesquisadores de oiro, indivíduos sem escrúpulos vindos de toda a parte sem outro norte que não fosse uma riqueza rápida.

Os shuar moviam-se para Oriente buscando a intimidade das

florestas impenetráveis.

Uma manhã, Antonio José Bolívar descobriu que estava a envelhecer ao errar um tiro de zarabatana. Também chegava o momento de partir.

Tomou a decisão de se instalar em El Idilio e de viver da caça. Sabia-se incapaz de determinar o momento da sua própria morte e se deixar devorar pelas formigas. Além de que, se o conseguisse, seria uma cerimónia triste.

Ele era como eles, mas não um deles, e por isso não teria festa nem distância alucinada.

Um dia, estava ele entregue à construção de uma canoa resistente, definitiva, quando escutou o estampido proveniente de um braço de rio, o sinal que haveria de precipitar a sua partida.

Correu ao lugar da explosão e encontrou um grupo de shuar a chorar. Mostraram-lhe a mancha de peixes mortos à superfície e o grupo de estranhos que, da praia, lhes apontavam armas de fogo.

Era um grupo formado por cinco aventureiros que, para conquistarem um caminho na corrente, tinham feito voar com dinamite o dique de contenção onde os peixes desovavam.

Tudo se passou muito rapidamente. Os brancos, nervosos perante a chegada de mais shuar, dispararam atingindo dois indígenas e puseram-se em fuga na sua embarcação.

Ele percebeu que os brancos estavam perdidos. Os shuar tomaram um atalho, esperaram-nos numa passagem estreita e, daí, foram presas fáceis para os dardos envenenados. Contudo, um deles conseguiu saltar, nadou até à margem oposta e perdeu-se na floresta.

Só então se preocupou com os shuar caídos.

Um morrera com a cabeça desfeita pela carga de chumbo a curta distância e o outro agonizava com o peito aberto. Era o seu compadre Nushiño.

– Má maneira de partir – disse entre dentes, num trejeito de dor, Nushiño, e com mão tremente apontou para a sua cabaça de curare.

– Não parto tranquilo, compadre. Vou-me como um triste pássaro cego, a esbarrar nas árvores enquanto a cabeça dele não pender de um ramo seco. Ajuda-me, compadre.

Os shuar cercaram-nos. Ele conhecia os costumes dos brancos, e as fracas palavras de Nushiño diziam-lhe que chegara o momento de pagar a dívida contraída quando o salvaram depois

da mordedura da serpente.

Pareceu-lhe justo pagar a dívida e, armado de uma zarabatana, atravessou o rio a nado, lançando-se pela primeira vez numa caça ao homem.

Não lhe custou a dar com o rasto. O pesquisador de oiro, no seu desespero, deixava pegadas tão nítidas que nem sequer precisou de as procurar.

Poucos minutos depois deu com ele aterrorizado diante de uma jibóia adormecida.

– Porque é que fizeram aquilo? Porque é que dispararam?

O homem apontou-lhe a espingarda.

– Os jíbaros. Onde estão os jíbaros?

– Do outro lado. Não andam a seguir-te.

Aliviado, o garimpeiro baixou a arma e ele aproveitou a situação para lhe atirar com a zarabatana.

Acertou mal. O pesquisador de oiro vacilou sem chegar a cair, e não teve outro remédio senão saltar para cima dele.

Era um homem forte, mas, finalmente, com esforço, conseguiu tirar-lhe a espingarda.

Nunca tivera antes uma arma de fogo nas mãos, mas, ao ver que o homem lançava mão do machete, intuiu o lugar exacto onde devia pôr o dedo, e a detonação provocou uma revoada de pássaros assustados.

Assombrado com a potência do disparo, aproximou-se do homem. Recebera a chumbada dupla em pleno ventre e torcia-se de dor. Sem ligar aos seus gritos, atou-o pelos tornozelos, arrastou-o para a margem do rio e, quando deu as primeiras braçadas, sentiu que o infeliz já estava morto.

Na margem oposta esperavam-no os shuar. Apressaram-se a ajudá-lo a sair do rio, mas, ao verem o cadáver do garimpeiro, desataram numa lamentação desconsolada com cuja explicação não atinou.

Não choravam pelo forasteiro. Choravam por ele e por Nushiño.

Ele não era um deles, mas era como um deles. Por conseguinte, deveria ter acabado com ele com um dardo envenenado, dando-lhe antes a oportunidade de lutar como um valente; assim, ao receber a paralisia do curare, toda a sua coragem permaneceria na sua expressão, apanhada para sempre na sua cabeça reduzida, com as pálpebras, o nariz e a boca

fortemente cosidos para que não se escapasse.

Como reduzir aquela cabeça, aquela vida parada num trejeito de espanto e de dor?

Por sua culpa, Nushiño não partiria. Nushiño permaneceria como um papagaio cego, a esbarrar contra as árvores, conquistando o ódio daqueles que o não conheciam ao chocar contra os seus corpos, incomodando o sono das boas dormidas, afugentando as presas de pistas bem seguidas com o seu revoar sem rumo.

Tinha-se desonrado e, ao fazê-lo, era responsável pela eterna desdita do seu compadre.

Sem parar de chorar, entregaram-lhe a melhor canoa. Sem parar de chorar, abraçaram-no, entregaram-lhe provisões e disseram-lhe que a partir daquele momento já não era bem-vindo. Poderia passar pelas aldeias shuar, mas não tinha o direito de ficar.

Os shuar empurraram a canoa e, depois, apagaram as suas pegadas da praia.

¹ Equis – reprodução fonética da letra x do alfabeto espanhol (N. do E.)

Capítulo Quarto

Depois de cinco dias de navegação, chegou a El Idilio. O lugar estava mudado. Uma vintena de casas arrumava-se em rua junto ao rio e, ao fim, uma construção um pouco maior ostentava na frontaria um letreiro amarelo com a palavra Administração.

Havia também um cais de tábuas que Antonio José Bolívar evitou, e navegou alguns metros mais para baixo até que o cansaço lhe mostrou um sítio onde ergueu a choça.

De início, os habitantes do lugar rejeitaram-no, olhando-o como um selvagem ao vê-lo entrar pela floresta adentro, armado da espingarda, uma *Remington* de catorze herdada do único homem que matara e de maneira errada, mas depressa descobriram o valor que para eles representava tê-lo ali por perto.

Tanto os colonos como os garimpeiros cometiam toda a sorte de erros estúpidos na floresta. Depredavam-na sem consideração, o que até fazia com que alguns animais se tornassem ferozes.

Às vezes, para ganharem uns metros de terreno plano, destruíam sem ordem, deixando isolada uma quebra-ossos, e esta desforrava-se eliminando-lhes uma mula, ou cometiam a torpeza de atacar os *saínos* na época do cio, o que transformava os pequenos javalis em monstros agressivos. E havia também os gringos vindos das instalações petrolíferas.

Chegavam em grupos buliçosos, carregando armas suficientes para equipar um batalhão, e lançavam-se pela floresta adentro dispostos a acabar com tudo o que mexesse. Deleitavam-se a perseguir as onças, sem distinguir entre crias ou fêmeas prenhas, e, mais tarde, antes de partir, faziam-se fotografar junto das dúzias de peles postas em estacas.

Os gringos iam-se embora e as peles ficavam a apodrecer até

que uma mão diligente as atirava ao rio, e as onças sobreviventes desforravam-se estripando reses famélicas.

Antonio José Bolívar ocupava-se de as manter à distância, enquanto os colonos devastavam a floresta construindo a obra-prima do homem civilizado: o deserto.

Mas os animais duraram pouco. As espécies sobreviventes tornaram-se mais astutas, e, seguindo o exemplo dos shuar e de outras culturas amazônicas, os animais também se internaram pela floresta, num êxodo imprescindível para Oriente.

Antonio José Bolívar ficou com todo o tempo para si mesmo, e descobriu que sabia ler ao mesmo tempo que lhe apodreciam os dentes.

Preocupou-se com este último facto ao sentir como a boca expelia um hálito fétido acompanhado de persistentes dores nos maxilares.

Presenciou muitas vezes a actuação do doutor Rubicundo Loachamín nas suas viagens semestrais e nunca se imaginou a ocupar a cadeira dos padecimentos, até que um dia as dores se tornaram insuportáveis e não teve outro remédio senão subir para a consulta.

– Doutor, em poucas palavras, poucos me restam. Eu mesmo tirei os que me lixavam de mais, mas lá atrás não posso. Limpe-me a boca e discutamos o preço de uma dessas placas tão bonitas.

Nessa mesma altura, o *Sucre* desembarcou uma parelha de funcionários públicos, os quais, por se terem instalado com uma mesa à entrada da administração, foram tomados por cobradores de um novo imposto qualquer.

O administrador viu-se forçado a usar de todo o seu escasso poder de convicção para arrastar os fugidios habitantes do lugar até à mesa governamental. Ali, os dois entediados emissários do poder recolhiam os sufrágios secretos dos habitantes de El Idilio, por ocasião de umas eleições presidenciais que haveriam de realizar-se um mês depois.

Antonio José Bolívar também foi à mesa.

– Sabes ler? – perguntaram-lhe.

– Não me lembro.

– Vamos ver. Que diz aqui?

Desconfiado, aproximou a cara do papel que lhe estendiam e assombrou-se por ser capaz de decifrar os sinais escuros.

– O se-nhor-senhor-can-di-da-to-candidato.

– Sabes? Tens direito de voto.

– Direito de quê?

– De voto. No sufrágio universal e secreto. De escolher democraticamente entre os candidatos que aspirem à primeira magistratura. Estás a perceber?

– Nem uma palavra. Quanto é que me custa esse direito?

– Nada, homem. Por isso é que é um direito.

– E em quem é que tenho de votar?

– Em quem vai ser. Em sua excelência, o candidato do povo.

Antonio José Bolívar votou no eleito, e em troca do exercício do seu direito recebeu uma garrafa de *Frontera*.

Sabia ler.

Foi a descoberta mais importante de toda a sua vida. Sabia ler. Mas não tinha que ler.

De má vontade, o administrador acedeu a emprestar-lhe uns jornais velhos que conservava de maneira visível, como provas da sua inegável vinculação ao poder central, mas Antonio José Bolívar não os achou interessantes.

A reprodução de parágrafos de discursos pronunciados no Congresso, em que o ilustre deputado Bucaram garantia que outro ilustre deputado tinha o esperma a aguar-se, ou um artigo descrevendo como Artemio Marteluna matou com vinte punhaladas, mas sem rancor, o seu melhor amigo, ou a crónica denunciando a vaidade do Manta por ter capado um árbitro de futebol no estádio, não lhe pareciam aliciantes por aí além para exercitar a leitura. Tudo isso acontecia num mundo longínquo, sem referências que o tornassem compreensível e sem estímulos que o tornassem imaginável.

Certo dia, juntamente com os caixotes de cerveja e as garrafas de gás, o *Sucre* desembarcou um aborrecido clérigo, enviado pelas autoridades eclesiásticas com a missão de baptizar meninos e acabar com os concubinatos. Três dias ficou o frade em El Idilio, sem encontrar ninguém disposto a levá-lo até aos aldeamentos dos colonos. Por fim, aborrecido com a indiferença da clientela, sentou-se no cais à espera de que o navio o tirasse dali. Para matar as horas de canícula, tirou um velho livro do saco e tentou ler, até que a força da modorra foi maior que a sua.

O livro nas mãos do padre teve um efeito de isco para os olhos de Antonio José Bolívar. Pacientemente, esperou até que o padre, vencido pelo sono, o deixou cair para um lado.

Era uma biografia de São Francisco que vistoriou furtivamente, sentindo que ao fazê-lo cometia um fugaz latrocínio.

Juntava as sílabas e, à medida que o fazia, as ânsias de compreender tudo quanto estava naquelas páginas levaram-no a repetir a meia-voz as palavras agarradas.

O padre acordou e olhou divertido para Antonio José Bolívar, de nariz metido no livro.

– É interessante? – perguntou.

– Desculpe, eminência. Mas vi-o a dormir e não o quis incomodar.

– Interessa-te? – repetiu o padre.

– Parece que fala muito de animais – respondeu timidamente.

– São Francisco amava os animais. Amava todas as criaturas de Deus.

– Eu também gosto deles. À minha maneira. Conhece São Francisco?

– Não, Deus privou-me desse prazer. São Francisco morreu há um ror de anos. Quer dizer, deixou a vida terrena e vive agora eternamente junto do Criador.

– Como é que sabe?

– Porque li o livro. É um dos meus preferidos.

O padre acentuava as suas palavras acariciando a encadernação gasta. Antonio José Bolívar olhava para ele encantado, sentindo a comichão da inveja.

– Já leu muitos livros?

– Uns quantos. Dantes, quando era ainda novo e não se me cansavam os olhos, devorava qualquer obra que me caísse nas mãos.

– Todos os livros tratam de santos?

– Não. No mundo há milhões e milhões de livros. Em todas as línguas e tratando de todos os assuntos, incluindo alguns que deviam estar vedados aos homens.

Antonio José Bolívar não compreendeu aquela censura e continuava de olhos cravados nas mãos do padre, mãos gorduchas, brancas, em cima da encadernação escura.

– De que é que falam os outros livros?

– Já te disse. De todos os assuntos. Há livros de aventuras, de ciência, histórias de seres virtuosos, de técnica, de amor...

Este último tema interessou-lhe. Do amor sabia o que era

referido nas canções, especialmente nos *pasillos* cantados por Julito Jaramillo, cuja voz de guaialquilense pobre saía às vezes de um rádio a pilhas tornando os homens taciturnos. Segundo os *pasillos*, o amor era como a picada de um moscardo invisível, mas por todos procurado.

– Como são os livros de amor?

– Disso receio não te poder falar. Não li mais que um ou dois.

– Não interessa. Como são?

– Bem, contam a historia de duas pessoas que se conhecem, se amam e lutam por vencer as dificuldades que as impedem de ser felizes.

O chamamento do *Sucre* anunciou o momento de zarpar e não se atreveu a pedir ao padre que lhe deixasse o livro. O que, isso sim, em contrapartida ele lhe deixou foi maiores desejos de ler.

Passou toda a estação das chuvas a ruminar a sua desgraça de leitor inútil, e pela primeira vez se viu acossado pelo bichinho da solidão. Bicho astuto. Atento ao menor descuido para se apropriar da sua voz, condenando-o a longas conferências órfãs de auditório.

Tinha de se habituar à leitura, e para isso precisava de sair de El Idilio. Talvez não fosse necessário ir muito longe, talvez em El Dorado houvesse alguém que tivesse livros, e espremia a cabeça a pensar como é que havia de fazer para os conseguir.

Quando as chuvas amainaram e a floresta se povoou de animais novos, abandonou a choça, e, munido da espingarda, de vários metros de corda e do machete convenientemente afiado, entrou-se pela floresta.

Lá, permaneceu durante quase duas semanas, nos territórios dos animais apreciados pelos homens brancos.

Na região dos micos, região de vegetação alta, esvaziou umas dúzias de cocos para preparar as armadilhas. Aprendera a fazer aquilo com os shuar e não era difícil. Bastava esvaziar os cocos fazendo-lhes uma abertura não superior a uma polegada de diâmetro, abrir-lhes um buraco do outro lado que permitisse passar uma corda e segurá-la por dentro mediante um apertado nó cego. A outra ponta da corda atava-se a um tronco e, por fim, metiam-se alguns calhaus dentro da cabaça. Os micos, que estavam a observar tudo aquilo lá das alturas, apenas iam esperar que ele se fosse embora para descerem e verificarem o conteúdo das cabaças. Pegavam nelas, agitavam-nas e, ao ouvirem o som de

guizo provocado pelos calhaus, metiam uma mão tentando tirá-los. Logo que tivessem uma pedrinha na mão, agarrariam nela, cheios de avareza, e lutariam inutilmente por tirá-la de lá.

Dispôs as armadilhas e, antes de deixar a região dos micos, procurou um papaio alto, um daqueles a que com razão se chamam papaios do mico, tão altos que só eles conseguiam chegar até aos frutos deliciosamente crestados pelo sol e muito doces.

Abanou o tronco até caírem os frutos de polpa aromática e encaminhou-se para a região dos louros, papagaios e tucanos.

Carregava os frutos no bernal e caminhava procurando as clareiras, evitando encontros com animais não desejados.

Uma série de quebradas levaram-no até uma zona de vegetação frondosa, povoada de vespeiros e favos de abelhas operosas, e listrada de excrementos de pássaros por todos os lados. Logo que entrou naquele bosque produziu-se um silêncio que durou várias horas, até que as aves se acostumaram à sua presença.

Com lianas e cipós fabricou duas jaulas de cerrada teia, e quando ficaram prontas procurou plantas de *yahuasca*.

Então esmigalhou as papaias, misturou a aromática polpa amarela dos frutos com o sumo das raízes de *yahuasca*, conseguido com o cabo do machete, e, fumando, esperou que a mistura fermentasse. Provou. Tinha um sabor doce e forte. Satisfeito, afastou-se até um riacho, onde acampou, enchendo a barriga de peixes.

No dia seguinte verificou o êxito obtido com as armadilhas.

Na região dos micos encontrou uma dúzia de animais cansados do estéril esforço de libertar as mãos apanhadas, agarradas dentro das cabaças. Selecionou três casais jovens, meteu-os numa das jaulas e libertou os restantes micos.

Mais tarde, no local onde deixara os frutos fermentados encontrou uma multidão de louros, papagaios e outras aves dormindo nas posições mais inimagináveis. Alguns tentavam andar com passos oscilantes ou atreviam-se a levantar voo batendo as asas descoordenadamente.

Meteu numa jaula um casal de papagaios-de-cara-roxa, dourados e azuis, e outro de lourinhos *shapul*, apreciados por serem faladores, e despediu-se das outras aves desejando-lhes um bom despertar. Sabia que a bebedeira lhes ia durar um par de

dias.

Com os troféus às costas, regressou a El Idilio, e esperou que a tripulação do *Sucre* terminasse as suas tarefas de carga para se aproximar do mestre.

– Acontece que tenho de ir a El Dorado e que não tenho dinheiro. O senhor conhece-me. Leva-me e pago-lhe depois, quando vender os bichinhos.

O mestre deitou um olhar às jaulas e coçou a barba de vários dias antes de responder.

– Com um dos lourinhos dou-me por pago. Já há tempos que prometi um ao meu filho.

– Então separo-lhe um par e fica também coberta a passagem de regresso. Além disso, estes passarinhos morrem de tristeza se se separam.

Durante a travessia tagarelou com o doutor Rubicundo Loachamín e pô-lo ao corrente das razões da sua viagem. O dentista ouvia-o divertido.

– Ó Velho, mas se querias dispor de uns livros, porque é que antes não mos encomendaste? Tenho a certeza de que em Guaiaquil tos tinha conseguido.

– Agradecido, doutor. Mas dá-se o caso que ainda não sei que livros quero ler. Mas logo que o souber aproveitarei a sua oferta.

El Dorado não era, de modo algum, uma cidade grande. Tinha uma centena de casas, a maioria delas alinhadas junto ao rio, e a sua importância residia no quartel da polícia, numa ou noutra repartição do Governo, numa igreja e numa escola pública pouco concorrida. Para Antonio José Bolívar Proaño, depois de quarenta anos sem abandonar a floresta, era regressar ao mundo enorme que outrora conhecera.

O dentista apresentou-lhe a única pessoa capaz de o ajudar nos seus propósitos, a professora da escola, e conseguiu também que o Velho pudesse pernoitar nas instalações escolares, uma enorme casa de canas equipada com cozinha, em troca de ajudar nas tarefas domésticas e na confecção de um herbário.

Uma vez vendidos os micos e os louros, a professora mostrou-lhe a sua biblioteca.

Emocionou-se ao ver tantos livros juntos. A professora possuía uns cinquenta volumes arrumados num armário de tábuas, e entregou-se à agradável tarefa de os vistoriar ajudado pela lupa recentemente adquirida.

Foram cinco meses, durante os quais formou e poliu as suas preferências de leitor, ao mesmo tempo que se enchia de dúvidas e de respostas.

Ao passar em revista os textos de geometria perguntava a si mesmo se verdadeiramente valeria a pena saber ler, e desses livros conservou uma frase longa que soltava nos momentos de mau humor: «A hipotenusa é o lado oposto ao ângulo recto num triângulo rectângulo». Frase que mais tarde deixava aparvalhados os habitantes de El Idilio, que a recebiam como um trava-língua absurdo ou uma incontestável blasfêmia.

Os textos de história pareceram-lhe um chorrilho de mentiras. Era lá possível que aqueles senhorecos pálidos, de luvas até aos cotovelos e apertados calções de saltimbancos, fossem capazes de ganhar batalhas. Bastava vê-los de caracolinhas de cabelo bem cuidados, agitados pelo vento, para perceber que aqueles tipos não eram capazes de matar uma mosca. De tal maneira que os episódios históricos foram desprezados pelos seus gostos de leitor.

Edmundo d'Amicis e *Coração* mantiveram-no ocupado durante quase metade da sua estada em El Dorado. Aí há um assunto que anda para a frente. Aquele era um livro que se pegava às mãos e os olhos enganavam o cansaço para continuarem a ler, mas tantas vezes vai o cântaro à fonte que uma tarde disse para si próprio que tanto sofrimento não podia ser possível e tanta pouca sorte não cabia num corpo só. Era preciso ser-se um grande cabrão para gozar a fazer sofrer daquela maneira um pobre rapaz como *O Pequeno Lombardo* e, por fim, depois de passar revista a toda a biblioteca, encontrou aquilo que verdadeiramente desejava.

O *Rosário*, de Florence Barclay, continha amor, amor por todos os lados. As personagens sofriam e misturavam a sorte com os sofrimentos de uma maneira tão bela que se lhe embaciava a lupa de lágrimas.

A professora, não de todo de acordo com as suas preferências de leitor, permitiu-lhe que levasse o livro, e com ele regressou a El Idilio para o ler mil e uma vezes diante da janela, tal como se dispunha agora a fazer com os romances que o dentista lhe trouxera, livros que esperavam insinuantes e horizontais em cima da mesa alta, alheios à desordenada olhadela a um passado em que Antonio José Bolívar Proaño preferia não pensar, deixando os poços da memória abertos, para os encher com as venturas e os tormentos de amores mais prolongados que o tempo.

Capítulo Quinto

Com as primeiras sombras da tarde desatou-se o dilúvio, e poucos minutos depois era impossível ver para além de um braço estendido. O Velho deitou-se na rede à espera que chegasse o sono, agitado pelo violento e monocórdico murmúrio da água onnipresente.

Antonio José Bolívar Proaño dormia pouco. Quando muito, cinco horas de noite e duas à sesta. Bastava-lhe isso. O resto do tempo, dedicava-o aos romances, a divagar acerca dos mistérios do amor e a imaginar os lugares onde aconteciam as histórias.

Ao ler acerca de cidades chamadas Paris, Londres ou Genebra, tinha de fazer um enorme esforço de concentração para as imaginar. Apenas uma vez visitou uma cidade grande, Ibarra, da qual recordava sem grande precisão as ruas empedradas, os quarteirões de casas baixas, semelhantes umas às outras, todas brancas, e a Praça de Armas cheia de gente a passear diante da catedral.

Esta era a sua maior referência do mundo e, ao ler os enredos acontecidos em cidades de nomes longínquos e sérios como Praga ou Barcelona, achava que Ibarra, pelo nome, não era cidade apta para amores imensos.

Durante a viagem para a Amazónia, ele e Dolores Encarnación del Santísimo Sacramento Estupiñán Otavalo passaram por outras duas cidades, Loja e Zamora, mas viram-nas muito fugazmente, de modo que não podia afirmar se nelas o amor encontraria ou não terreno adequado.

Mas, sobretudo, gostava de imaginar a neve.

Também em menino a vira como uma pele de borrego posta a secar nos bordos do vulcão Imbabura, e em certas ocasiões

parecia-lhe uma extravagância imperdoável que as personagens dos romances a pisassem sem se preocupar por estarem a sujá-la.

Quando não chovia, abandonava a rede e descia de noite até ao rio para fazer as suas necessidades. Depois cozinhava as porções de arroz para o dia, fritava fatias de banana verde e, se dispunha de carne de macaco, acompanhava as refeições com uns bons pedaços.

Os colonos não apreciavam a carne de macaco. Não compreendiam que aquela carne dura e escassa fornecia muitíssimas mais proteínas que a carne dos porcos ou vacas alimentadas com pasto requintado, pura água, e que não sabia a nada. Por outro lado, a carne de macaco exigia ser mastigada durante longo tempo e, principalmente aos que não tinham dentes próprios, dava a sensação de terem comido muito sem carregar o corpo desnecessariamente.

Engolia as refeições com café amargo torrado numa vasilha de ferro e moído com uma pedra, que adoçava com açúcar mascavado e fortalecia com uns esguichozinhos de *Frontera*.

Na estação das chuvas as noites prolongavam-se, e dava-se ao gosto de se deixar ficar na rede até a necessidade de urinar ou a fome o empurrarem de lá para fora.

O que havia de melhor na estação das chuvas era que bastava descer até ao rio, mergulhar, afastar umas pedras, esgaravatar no leito lamacento, para dispor logo de uma dúzia de camarões gordos para o pequeno-almoço.

Foi o que fez naquela manhã. Despiu-se, prendeu à cintura uma corda com a outra extremidade atada fortemente a uma estaca, não se desse o caso de surgir uma enchente súbita ou um tronco à deriva, e, com água pelo peito, mergulhou.

O rio corria espesso, mesmo no fundo, mas as suas mãos experimentadas apalpam o lodo depois de mover uma pedra, até que os camarões se lhe prenderam aos dedos com as suas vigorosas pinças.

Emergiu com um punhado de bichos agitando-se frenéticos, e preparava-se para sair da água quando ouviu os gritos.

– Uma canoa! Vem aí uma canoa!

Apurou a vista tentando descobrir a embarcação, mas a chuva não deixava ver nada. O manto de água caía quase sem descanso perfurando a superfície do rio com milhões de picadas, com tal intensidade que nem sequer conseguiam formar-se auréolas.

Quem poderia ser? Só um demente se atreveria a navegar no meio daquela chuvada.

Ouviu como os gritos se repetiam e distinguiu umas incertas figuras correndo para o cais.

Vestiu-se, deixou os camarões tapados com um boião à entrada da choça e, cobrindo-se com uma capa de plástico, dirigiu-se também para lá.

Os homens puseram-se de lado ao verem chegar o administrador, o gordo vinha sem camisa e, protegido debaixo de um amplo guarda-chuva preto, escorria água por todo o corpo.

– Que raio se está a passar? – gritou o administrador aproximando-se da margem.

Como única resposta, apontaram-lhe a canoa atada a um dos pilares. Era uma daquelas embarcações mal construídas pelos garimpeiros. Chegou meio submersa, flutuando apenas por ser de madeira. A bordo agitava-se o corpo de um indivíduo com a garganta desfeita e os braços rasgados. As mãos, apoiadas nos costados da embarcação, mostravam os dedos mordiscados pelos peixes, e não tinha olhos. Os galos dos rochedos, esses pequenos e fortes pássaros vermelhos, os únicos que eram capazes de voar no meio do dilúvio, tinham-se encarregado de lhe retirar toda a expressão.

O administrador ordenou que içassem o corpo e, quando o tiveram em cima das tábuas do cais, reconheceram-no pela boca.

Era Napoleón Salinas, um pesquisador de oiro que na tarde anterior tinha sido atendido pelo dentista. Salinas era um dos poucos indivíduos que não tiravam os dentes podres e que preferiam que lhos retocassem com pedaços de oiro. Tinha a boca cheia de oiro, e agora mostrava os dentes num sorriso que não provocava admiração, enquanto a chuva lhe alisava os cabelos.

O administrador procurou o Velho com o olhar.

– Então? Outra vez a gata?

Antonio José Bolívar Proaño inclinou-se para o morto sem deixar de pensar nos camarões que deixara prisioneiros. Abriu a ferida do pescoço, examinou os rasgões dos braços, para finalmente concordar com um movimento de cabeça.

– Que diabo, menos um. Mais tarde ou mais cedo a parca havia de o levar – comentou o administrador.

O gordo tinha razão. Durante a época das chuvas os garimpeiros permaneciam encerrados nas suas choças mal

construídas, à espera das poucas pausas que não duravam muito e mais pareciam respirações das nuvens antes de tornarem a deixar cair a sua carga com maior energia.

Tomavam excessivamente à letra isto de se dizer que o «tempo é oiro» e, se as chuvas não descansavam, jogavam ao jogo das quarenta com baralhos gordurosos, de figuras frequentemente irreconhecíveis, odiando-se, desejando apoderar-se do bastão do Rei de Paus, cobiçando-se mutuamente, e, quando acabava o dilúvio, era normal que vários deles desaparecessem, quem sabe se tragados pela corrente ou pela voracidade da floresta.

Às vezes, do cais de El Idilio viam passar um corpo inchado entre os ramos e troncos arrastados pela enchente, e ninguém se preocupava com atirar-lhe um laço.

Napoleón Salinas tinha a cabeça descaída e só os braços rasgados indicavam que tentara defender-se.

O administrador esvaziou-lhe os bolsos. Encontrou um descorado documento de identificação, algumas moedas, restos de tabaco e uma bolsinha de cabedal. Abriu-a e contou vinte pepitas de oiro, pequenas como grãos de arroz.

– Então, perito, qual é a tua opinião?

– É a mesma que a sua, excelência. Saiu daqui tarde, bastante bêbedo, foi surpreendido pela chuvada e arribou à margem para pernoitar. Foi aí que a fêmea o atacou. Ferido e tudo, conseguiu chegar até à canoa, mas perdeu sangue rapidamente.

– Ainda bem que estamos de acordo – disse o gordo.

O administrador ordenou a um dos que ali se tinham reunido que lhe segurasse no guarda-chuva para ter as mãos livres e repartiu as pepitas de oiro pelos presentes. Depois de recuperar o guarda-chuva, empurrou o morto com um pé até cair de cabeça na água. O corpo afundou-se pesadamente e a chuva não deixou ver onde reapareceu a flutuar.

Satisfeito, o administrador sacudiu o guarda-chuva com o ar de quem se vai embora mas, vendo que ninguém o secundava e que todos olhavam para o Velho, cuspiu de mau humor.

– Pronto, acabou-se o espectáculo. De que é que estão à espera? Os homens continuavam a olhar para o Velho. Obrigaram-no a falar.

– A questão é que, se uma pessoa vai a navegar e é surpreendida pela noite, de que lado é que se abeira para pernoitar?

– Do mais seguro. Do nosso – respondeu o gordo.

– É como diz, excelência. Do nosso. Procura-se sempre este lado, porque se num desses apertos se perde a canoa, resta o recurso de regressar à povoação abrindo caminho a machete. Foi isso mesmo que o pobre Salinas pensou.

– E então? Que importa agora isso?

– Importa muito. Se pensar um pouco descobrirá que o animal também se encontra deste lado. Ou acha que as onças se metem ao rio com este tempo?

As palavras do Velho provocaram comentários nervosos, e os homens queriam ouvir qualquer coisa da parte do administrador. Afinal, a autoridade tinha de servir para algo de prático.

O gordo sentia a espera como uma agressão e fingia que estava a pensar encolhendo o obeso cachaço debaixo do guarda-chuva preto. A chuva aumentou de repente, e os sacos de plástico que cobriam os homens pegaram-se-lhes como uma segunda pele.

– O bicho anda longe. Não viram como vinha o cadáver? Sem olhos e meio comido pelos animais. Isso não acontece numa hora, nem em cinco. Não vejo motivo para borrarem as calças – fanfarronou o administrador.

– Pode ser. Mas também é certo que o morto não vinha inteiriçado de todo, e não deitava mau cheiro – acrescentou o Velho.

Não disse mais nada, nem esperou outro comentário do administrador. Deu meia-volta e foi-se, a pensar se comeria os camarões fritos ou cozidos.

Ao entrar na choça, por entre a capa de chuva conseguiu ver no cais o solitário e obeso perfil do administrador debaixo do guarda-chuva, como um enorme e escuro cogumelo que acabasse de crescer em cima das tábuas.

Capítulo Sexto

Depois de comer os saborosos camarões, o Velho limpou minuciosamente a sua placa dentária e guardou-a embrulhada num lenço. Logo a seguir, desocupou a mesa, atirou com os restos de comida pela janela, abriu uma garrafa de *Frontera* e decidiu-se por um dos romances.

Estava rodeado pela chuva por todos os lados e o dia oferecia-lhe uma intimidade inigualável.

O romance começava bem.

«Paul beijou-a ardorosamente enquanto o gondoleiro, cúmplice das aventuras do amigo, fingia olhar noutra direcção e a gôndola, equipada com macios coxins, deslizava tranquilamente pelos canais venezianos.»

Leu a passagem várias vezes em voz alta.

Que raio seriam as gôndolas?

Deslizavam por canais. Devia tratar-se de botes ou canoas, e, quanto àquele Paul, era óbvio que não se tratava de um tipo decente, já que beijava «ardorosamente» a rapariga na presença de um amigo, e ainda para mais cúmplice.

Gostou do começo.

Pareceu-lhe acertado que o autor definisse os maus com clareza desde o princípio.

Dessa maneira evitavam-se complicações e simpatias imerecidas.

E quanto a beijar, como é que ele dizia? «Ardorosamente», como diabo seria isso?

Recordou-se de beijar muito poucas vezes Dolores Encarnación del Santísimo Sacramento Estupiñán Otavalo. Na melhor das hipóteses, terá havido uma dessas poucas ocasiões em que o fez

assim, ardorosamente, como o Paul do romance, mas sem o saber. Em todo o caso, foram muito poucos beijos, porque a mulher, ou respondia com ataques de riso, ou fazia notar que podia ser pecado.

Beijar ardorosamente. Beijar. Só agora descobria que o fizera muito poucas vezes e apenas com a mulher, porque entre os Shuar o beijo era um costume desconhecido.

Entre homens e mulheres existiam as carícias por todo o corpo, e não lhes importava se havia outras pessoas presentes. Nem no momento do amor se beijavam. As mulheres preferiam sentar-se em cima do homem argumentando que nessa posição sentiam mais o amor, e portanto os *anents* que acompanhavam o acto saíam muito mais sentidos.

Não. Os Shuar não se beijavam.

Recordou-se também de que, em certa ocasião, vira um garimpeiro acasalando com uma jíbara, uma pobre mulher que deambulava por entre os colonos e os aventureiros implorando uma golada de aguardente. Quem tivesse vontade puxava-a de parte e possuía-a. A pobre mulher, embrutecida pelo álcool, não tinha consciência do que estavam a fazer com ela. Dessa vez, o aventureiro montou-a na areia e procurou-lhe a boca com a sua.

A mulher reagiu como uma besta. Tirou o homem de cima dela, arremessou-lhe um punhado de areia para os olhos e desatou a vomitar com um nojo indissimulável.

Se beijar ardorosamente era isso, então o Paul do romance não passava de um porco.

Ao chegar a hora da sesta tinha lido e reflectido umas quatro páginas, e estava incomodado com a sua incapacidade de imaginar Veneza com as características atribuídas a outras cidades também descobertas nos romances.

Ao que parecia, em Veneza as ruas estavam inundadas e, por isso, as pessoas precisavam de se transportar em gôndolas.

As gôndolas. A palavra «gôndola» conseguiu acabar por seduzi-lo, e pensou em chamar assim à sua canoa. A Gôndola do Nangaritzá.

No meio de tais pensamentos, foi envolvido pela modorra das duas da tarde e estendeu-se na rede, sorrindo velhacamente ao imaginar pessoas que abriam as portas das suas casas e caíam a um rio mal davam o primeiro passo.

Pela tarde, depois de uma nova barrigada de camarões, dispôs-

se a continuar a leitura, e preparava-se para o fazer quando uma gritaria o distraiu, obrigando-o a deitar a cabeça de fora debaixo de chuva.

Pelo atalho, corria uma mula tresloucada, entre zurros estremecedores, e atirando coices a quem tentasse detê-la. Picado pela curiosidade, pôs uma capa de plástico em cima dos ombros e saiu para ver o que estava a acontecer.

Depois de um grande esforço, os homens conseguiram rodear o esquivo animal e, evitando as patadas, foram apertando o cerco. Alguns iam ao chão, donde se levantavam cobertos de lama, até que por fim conseguiram agarrar o animal pelas rédeas e imobilizá-lo.

A mula ostentava feridas profundas nos flancos e sangrava copiosamente de um rasgão que começava na cabeça e acabava no peito de pelagem rala.

O administrador, desta vez sem guarda-chuva, ordenou que a deitassem ao chão e despachou-lhe o tiro de misericórdia. O animal recebeu o impacto, atirou um par de coices para o ar e ficou quieto.

– É a mula do Alkaseltzer Miranda – disse alguém.

Os outros confirmaram. Miranda era um colono estabelecido a uns sete quilómetros de El Idilio. Já não cultivava as suas terras arrebatadas pela floresta e dirigia uma miserável cantina de venda de aguardente, tabaco, sal e *alkaseltzer* – daí lhe vinha a alcunha –, onde se abasteciam os pesquisadores de oiro quando não queriam vir até ao povoado.

A mula chegou selada, o que indicava que o cavaleiro devia estar em qualquer parte.

O administrador decidiu preparar-se para sair no dia seguinte, cedo, para ir à cantina de Miranda, e encarregou dois homens de se ocuparem do animal.

Os machetes actuaram certos debaixo da chuva. Entravam nas carnes famélicas, saíam ensanguentados e, ao preparar-se para descer de novo, para vencer a resistência de algum osso, estavam impecavelmente lavados pela chuva.

A carne em pedaços foi levada para o portão da administração e o gordo repartiu-a pelos presentes.

– Tu que parte queres, Velho?

Antonio José Bolívar respondeu que apenas um bocado de fígado, compreendendo que a gentileza do gordo o inscrevia na

expedição.

Com o pedaço de fígado quente na mão regressou à choça, seguido pelos homens que carregavam a cabeça e outras partes indesejadas do animal para as atirar ao rio. Já escurecia, e no meio do ruído da chuva ouvia-se o ladrar dos cães que disputavam entre si as tripas enlameadas da nova vítima.

Enquanto fritava o fígado atirando-lhe uns raminhos de alecrim, amaldiçoou o incidente que o arrancava à sua tranquilidade. Já não poderia concentrar-se na leitura, obrigado que estava a pensar no administrador como cabeça da expedição do dia seguinte.

Todos sabiam que o administrador lhe tinha aversão, e, evidentemente, o conflito aumentara depois do incidente com os shuar e o gringo morto.

O gordo podia causar-lhe problemas, e tinha-lho feito saber antecipadamente.

De mau humor, pôs a dentadura postiça e mastigou os secos pedaços de fígado. Muitas vezes ouvira dizer que com os anos chega a sabedoria, e ele esperara, confiado em que tal sabedoria lhe oferecesse o que mais desejava: ser capaz de conduzir o rumo das recordações e não cair nos laços que estas frequentemente armavam.

Mas, mais uma vez, caiu na armadilha e deixou de sentir o ruído monótono do aguaceiro.

Tinham-se passado vários anos desde a manhã em que arribou ao cais de El Idilio uma embarcação nunca antes vista. Uma lancha a motor de fundo chato, que permitia que umas oito pessoas viajassem comodamente, sentadas duas a duas e não com o entorpecimento da fila indiana das viagens de canoa.

Na insólita embarcação chegaram quatro norte-americanos equipados com máquinas fotográficas, víveres e artefactos de uso desconhecido. Permaneceram vários dias adulando o administrador e atulhando-o de uísque, até que o gordo, muito ufano, se abeirou com eles da sua choça, indicando-o como o melhor conhecedor da Amazónia.

O gordo fedia a álcool e não parava de lhe chamar seu amigo e colaborador, enquanto os gringos os fotografavam, e não só a eles, mas a tudo o que se pusesse à frente das câmaras.

Sem pedir autorização entraram na choça, e um deles, depois de rir que se fartou, insistiu em comprar o retrato que o mostrava

junto de Dolores Encarnación del Santísimo Sacramento Estupiñán Otavalo. O gringo atreveu-se a tirar o retrato da parede e meteu-o na mochila, deixando-lhe em troca um punhado de notas em cima da mesa.

Custou-lhe a dominar a irritação e a articular palavra.

– Diga a esse filho da puta que, se não deixar o retrato onde estava, lhe meto dentro os dois cartuchos da espingarda e lhe faço ir os tomates pelo ar. E saiba que a tenho sempre carregada.

Os intrusos entendiam castelhano, e não precisaram que o gordo lhes contasse em pormenor as intenções do Velho. Amistoso, pediu-lhes compreensão, argumentou que as recordações eram sagradas nestas terras, que não levassem a mal, que os Equatorianos, e especialmente ele, apreciavam muito os Norte-Americanos, e que se se tratava de levarem boas lembranças, ele mesmo se encarregaria de lhas proporcionar.

Mal teve o retrato pendurado no lugar de sempre, o Velho armou os cães da espingarda e intimou-os a irem-se embora.

– Velho sacana! Estás a fazer-me perder um grande negócio. Estamos os dois a perder um grande negócio. Ele já te devolveu o retrato. Que queres tu mais?

– Que se vão embora. Não faço negócios com quem não sabe respeitar a casa alheia.

O administrador quis acrescentar qualquer coisa, mas ao ver como os visitantes faziam uma careta de desprezo antes de iniciar o regresso, enfureceu-se.

– Quem se vai embora és tu, velho de merda.

– Eu estou na minha casa.

– Ah, sim? Nunca perguntaste a ti mesmo a quem é que pertence o chão onde ergues a tua imunda pocilga?

Antonio José Bolívar sentiu-se verdadeiramente surpreendido com a pergunta. Tivera em tempos um papel selado que o acreditava como possuidor de dois hectares de terra, mas eram a várias léguas a montante dali.

– Isto não é de ninguém. Não tem dono.

O administrador riu-se, triunfante.

– Pois estás enganado. Todas as terras junto ao rio, desde a margem até cem metros para o interior, pertencem ao Estado. E, para o caso de te teres esquecido, aqui o Estado sou eu. Depois a gente fala. Desta que me fizeste não me esqueço, e eu não sou daqueles que perdoam.

Sentiu desejos de premir os gatilhos e de lhe descarregar a espingarda. Imaginou até a dupla carga de chumbo a entrar-lhe pela volumosa barriga, empurrando-o para trás enquanto a descarga saía levando-lhe a tripalhada e parte das costas.

O gordo, ao ver os olhos ardentes do Velho, optou por se afastar rapidamente e, a trote, alcançou o grupo dos norte-americanos.

No dia seguinte a embarcação chata deixou o cais com tripulação aumentada. Aos quatro norte-americanos juntaram-se um colono e um jíbaro recomendados pelo administrador como conhecedores da floresta.

Antonio José Bolívar Proaño ficou à espera da visita do gordo com a espingarda preparada.

Mas o gordo não se aproximou da choça. Quem apareceu foi Onecén Salmudio, um octogenário oriundo de Vilcabamba.

O ancião dedicava-lhe simpatia pelo facto de serem ambos serranos.

– Então que houve, patrício? – cumprimentou Onecén Salmudio.

– Nada, patrício. Que vai beber?

– Eu sei que há qualquer coisa, patrício. A *Babosa* veio ter comigo também pedindo-me que acompanhasse os gringos pela floresta adentro. A custo consegui convencê-lo de que, com os anos que tenho, não vou muito longe. Como A *Babosa* me bajulou... Repetia-me a todo o instante que os gringos se sentiriam felizes comigo, considerando que também tenho nome de gringo.

– Como é isso, patrício?

– Claro que sim. Onecén é o nome de um santo dos gringos. Aparece nas moedinhas deles e escreve-se separado com uma letra «t» no fim. *One cent*.

– Há qualquer coisa que me diz que não veio cá para me falar do seu nome, patrício.

– Não. Venho dizer-lhe que tenha cuidado. A *Babosa* ganhou-lhe embirração. À minha frente pediu aos gringos que, quando voltassem a El Dorado, falassem com o comissário para este lhe mandar um par de guardas rurais. Está a pensar metê-lo na prisão, patrício.

– Tenho munições para todos – assegurou sem convicção. E nas noites seguintes não conseguiu conciliar o sono.

O bálsamo contra a insónia chegou-lhe uma semana mais tarde ao ver aparecer a chata. Não foi propriamente uma atracagem elegante, a deles. Chocaram contra os pilares do cais e nem se preocuparam com fazer subir a carga. Vinham só três norte-americanos, e logo que saltaram para terra partiram disparados em busca do administrador.

Momentos depois foi visitado pelo gordo, em tom de paz.

– Olha, Velho, é a falar que os cristãos se entendem. O que eu te disse é verdade. A tua casa está construída em terrenos do Estado e não tens direito a continuar aqui. Mais, eu devia deter-te por ocupação ilegal, mas somos amigos e, assim como uma mão lava a outra e as duas lavam o cu, temos de nos ajudar um ao outro.

– E que quer agora de mim?

– Em primeiro lugar, que me oiças. Vou contar-te o que aconteceu. Da segunda vez que acamparam, fugiu o jíbaro com um par de garrafas de uísque. Tu sabes como são os selvagens. Só pensam em roubar. E, pronto, o colono disse-lhes que não tinha importância. Os gringos queriam internar-se bem e fotografar os shuar. Não sei por que é que gostam tanto desses índios em pêlo. O caso foi que o colono os guiou sem problemas até às imediações da cordilheira do Yacuambi, e dizem que aí foram atacados pelos macacos. Não percebi tudo o que contaram, porque vêm histéricos e falam todos ao mesmo tempo. Dizem que os macacos mataram o colono e um deles. Não posso acreditar. Quando é que se viu os micos matarem pessoas? Além disso, basta uma palmada para se matar uma dúzia. Não sou capaz de entender. Cá para mim, foram os jíbaros. Que é que tu achas?

– O senhor sabe que os shuar evitam meter-se em sarilhos. Tenho a certeza de que não viram nem um. Se, como eles dizem, o colono os levou até à cordilheira do Yacuambi, saiba que já há tempos que os Shuar saíram de lá. E saiba também que os macacos atacam. É certo que são pequenos, mas mil deles despedaçam um cavalo.

– Não percebo. Os gringos não iam caçar. Nem sequer levavam armas.

– Há muitas coisas que o senhor não entende, e eu tenho muitos anos de floresta. Oiça. Sabe como fazem os Shuar para entrar no território dos macacos? Primeiro, deixam todos os enfeites, não levam nada que lhes possa aguçar a curiosidade, e

tornam foscas os machetes com casca de palmeira queimada. Ora pense. Os gringos, com as suas máquinas fotográficas, com os seus relógios, com as suas pulseiras de prata, com as suas fivelas e facas prateadas, foram uma provocação brilhante para a curiosidade dos macacos. Conheço as terras deles e sei como eles actuam. Posso dizer-lhe que se uma pessoa se esquece de um pormenor, se leva qualquer coisa consigo, qualquer coisa que atraia a curiosidade de um mico, logo este desce das árvores para apanhar essa qualquer coisa, e, seja lá o que for, o melhor é deixar. Se, pelo contrário, uma pessoa oferece resistência, o mico desata a guinchar e em coisa de segundos cairão do céu centenas, milhares de pequenos demónios peludos e furiosos.

O gordo escutava, enxugando o suor.

– Acredito. Mas tu tens a culpa por te teres negado a acompanhá-los, a servir-lhes de guia. Contigo não lhes tinha acontecido nada. E traziam uma carta de recomendação do governador. Estou metido na embrulhada até ao pescoço e tens de me ajudar a sair dela.

– De mim também não teriam feito caso. Os gringos sabem sempre tudo. Mas até agora ainda não me disse o que quer de mim.

O administrador tirou da algibeira uma garrafa de uísque das que se metem no bolso de trás das calças e ofereceu-lhe um trago. O Velho aceitou só para conhecer o sabor, e logo se envergonhou daquela curiosidade de mico.

– Querem que alguém vá recolher os restos do companheiro. Juro-te que nos pagam um bom preço por isso, e tu és o único capaz de o conseguir.

– Está bem. Mas eu não me meto nos seus negócios. Trago-lhe o que restar do gringo e o senhor deixa-me em paz.

– É claro, Velho. Como eu disse, é a falar que os cristãos se entendem.

Não foi para ele um grande esforço chegar até ao local onde os norte-americanos tinham acampado na primeira noite e, abrindo caminho a machete, chegou à cordilheira do Yacuambi, a floresta alta, rica em frutos silvestres, onde várias colónias de macacos estabeleciam o seu território. Ali, nem sequer foi preciso procurar um rasto. Os norte-americanos, ao fugir, deixaram tal quantidade de objectos abandonados que lhe bastou segui-los para encontrar os restos dos desgraçados.

Primeiro encontrou o colono. Reconheceu-o pela caveira desdentada, estava a poucos metros do norte-americano. As formigas haviam realizado o seu trabalho de modo impecável, deixando ossos limpos que pareciam de gesso. O esqueleto do norte-americano recebia as últimas atenções das formigas. Estavam a transferir a sua cabeleira cor de palha cabelo por cabelo, como diminutas lenhadoras de árvores acobreadas, para com eles fortalecerem o cone de entrada do formigueiro.

Movendo-se lentamente, acendeu um charuto e fumou contemplando o labor dos insectos, indiferentes à sua presença. Quando ouviu um ruído proveniente lá do alto, não pode evitar uma gargalhada. Um mico pequenino caiu de uma árvore arrastado pelo peso de uma máquina fotográfica que insistia em trazer consigo.

Acabou o charuto. Com o machete ajudou as formigas raspando a caveira, e meteu os ossos num saco.

Um só objecto do desafortunado norte-americano conseguiu trazer: o cinturão de fivela prateada em forma de ferradura que os micos não conseguiram desapertar.

Regressou a El Idilio, entregou os restos, e o administrador deixou-o em paz, nessa paz de que devia cuidar, já que dela dependiam os momentos agradáveis diante do rio, de pé junto da mesa alta, lendo pausadamente os romances de amor.

E essa paz via-se de novo ameaçada pelo administrador, que o obrigaria a participar na expedição, e por umas afiadas garras ocultas algures na densidade da floresta.

Capítulo Sétimo

O grupo de homens reuniu-se às primeiras difusas luzes da alvorada adivinhada sobre as nuvens densas. Um a um foram chegando aos saltos pelo atalho enlameado, de pés nus e de calças arregaçadas até aos joelhos.

O administrador ordenou à mulher que lhes servisse café e rodelas de banana verde, enquanto ele repartia cartuchos para as espingardas. Três cargas duplas para cada um, além de um feixe de charutos, fósforos de cera e uma garrafa de *Frontera* por cabeça.

– Tudo isto é a cargo do Estado. No regresso têm que me assinar um recibo.

Os homens comiam e enfiavam entre o peito e as costas as primeiras goladas do dia.

Antonio José Bolívar Proaño permanecia um tanto afastado do grupo e sem tocar no prato de folha.

Tinha tomado o pequeno-almoço cedo e sabia dos inconvenientes de caçar com o corpo pesado. O caçador deve estar sempre com alguma fome, pois esta aguça os sentidos. Estava a dar pedra ao machete cuspindo de vez em quando na lâmina, e depois, olhando com um olho só, verificava a perfeição do aço afiado.

– Tem um plano? – perguntou um.

– Primeiro vamos ao Miranda. Depois se verá.

O gordo não era, evidentemente, um grande estratega. Depois de verificar aparatosamente a carga da sua *Smith and Wesson*, «mitiguesso» para os habitantes do lugar, embrulhou-se num impermeável de oleado azul que lhe fazia ressaltar o corpo amorfo.

Nenhum dos quatro homens fez o menor comentário. Gozavam vendo-o suar como uma enferrujada torneira interminável.

«Já vais ver, *Babosa*. Já vais ver que morninho é o impermeável. Até os tomates te vão cozer lá dentro.»

Com exceção do administrador, iam todos descalços. Tinham forrado os chapéus de palha com sacos de plástico, e em bornais de lona engomada protegiam os charutos, as munições e os fósforos. As espingardas descarregadas iam a tiracolo.

– Desculpe. As botas de borracha vão estorvar-lhe a marcha – observou um.

O gordo fingiu que não ouviu e deu ordem de partida.

Abandonaram a última casa de El Idilio e entraram na floresta. Lá dentro chovia menos mas caíam jorros mais grossos. A chuva não conseguia trespassar o espesso tecto vegetal. Acumulava-se nas folhas e, quando os ramos cediam sob o peso, precipitava-se, aromatizada por todas as espécies.

Caminhavam lentamente por causa do lamaçal. À frente, dois homens abriam caminho a machete, a meio ia o administrador respirando agitado, molhado por dentro e por fora, e atrás os dois homens restantes fechavam o cortejo, podando as plantas que tinham escapado aos machetes da frente.

Antonio José Bolívar era um dos que iam atrás do administrador.

– Armem as espingardas. Mais vale andarmos preparados – ordenou o gordo.

– Para quê? É melhor levar os cartuchos secos nos sacos.

– Quem dá ordens aqui sou eu.

– Às suas ordens, excelência. Afinal os cartuchos são do Estado.

Os homens fingiram carregar as espingardas.

Passadas cinco horas de caminhada tinham avançado pouco mais que um quilómetro. A marcha foi repetidamente interrompida por causa das botas do gordo. De vez em quando enterrava os pés no lamaçal borbulhante e parecia que a lama ia engolir aquele corpo obeso. Seguia-se a luta para tirar os pés de lá, mexendo-se com tal lentidão que só conseguia enterrar-se mais. Os homens retiravam-no puxando-o pelos sovacos, e uns passos mais adiante lá estava outra vez o administrador enterrado até aos joelhos.

De repente, o gordo perdeu uma das botas. O pé livre surgiu alvo e leve, mas, para conservar o equilíbrio, enterrou-o imediatamente junto do buraco onde a bota desaparecera.

O Velho e o seu companheiro ajudaram-no a sair.

– A bota. Procurem-me a bota – mandou ele.

– Nós dissemos-lhe que lhe iam causar estorvo, já não aparece mais. Caminhe como nós, pondo os pés nos ramos caídos. Descalço irá muito mais comodamente e avançaremos melhor.

O administrador, furioso, ajoelhou-se e tratou de apartar porções de lama com as mãos. Tarefa inútil. Apartava um punhado de nata escura e gotejante sem conseguir alterar a superfície.

– Se fosse a si, não fazia isso. Sabe-se lá que bichezas estarão a dormir felizes aí debaixo -comentou um deles.

– Claro. Escorpiões, por exemplo. Enterram-se até passarem as chuvas e não gostam de ser incomodados. Têm mau humor como a puta que os pariu – acrescentou o Velho.

O administrador, ajoelhado, olhava para eles com ódio.

– Julgam que eu engulo essas palermices? Querem assustar-me com histórias da carochinha?

– Não, excelência. Espere aí.

O Velho cortou um ramo, abriu-lhe uma das pontas em garfo e enterrou-a várias vezes na lama borbulhante. Por fim, retirou-o, limpou-o cuidadosamente com o machete e no chão caiu um escorpião adulto. O insecto vinha coberto de lama mas via-se-lhe, mesmo assim, a cauda peçonhenta levantada.

– Está a ver? E o senhor, que transpira tanto, todo salgadinho, é um convite para estes bichos.

O administrador não respondeu. Com o olhar perdido no escorpião que tratava de mergulhar outra vez na tranquilidade do lamaçal, puxou do revólver e descarregou-o disparando os seis tiros sobre o insecto. Então tirou a outra bota e atirou-a para o meio da folhagem.

Com o gordo descalço a marcha tornou-se um pouco mais ágil, mas perdiam sempre tempo nas subidas. Trepavam todos sem dificuldades e paravam para olhar para o administrador que, de gatas, avançava um par de metros e retrocedia quatro.

– Apoie-se com o cu, excelência. Agarre-se como nós. Abra bem as pernas antes de poisar a pata. O senhor só as abre dos joelhos para baixo. Isso é andar como uma freira a passar por um

combate de galos. Abra-as bem e apoie-se com o cu – gritavam-lhe eles.

O gordo, de olhos avermelhados de fúria, tentava subir à sua maneira, mas o corpo amorfo atraía-o uma vez e mais outra, até que os homens formavam uma corrente de braços e puxavam-no para cima.

As descidas eram rápidas. O administrador fazia-as sentado, de costas ou de cabeça para baixo. Chegava sempre primeiro, coberto de barro e de restos de plantas.

A meio da tarde novas e grandes nuvens se condensaram no céu. Não podiam vê-las, mas adivinhavam-nas na obscuridade que tornava a floresta impenetrável.

– Não podemos continuar. Não se vê nada – disse o administrador.

– Isso parece sensato – respondeu o Velho.

– Bem, então aqui ficamos – ordenou o administrador.

– Ficam vocês. Eu vou procurar um lugar seguro. Não demoro. Fumem para me orientarem no regresso – disse o Velho, e entregou a sua espingarda a um dos homens.

O Velho desapareceu engolido pela escuridão e os homens ficaram a fumar os seus charutos de folha dura, protegendo-os com as mãos em concha.

Não lhe levou muito tempo a dar com um terreno plano. Percorreu-o, medindo-o às passadas e, com a lâmina do machete, apalpou a textura da vegetação. De repente, o machete devolveu-lhe um som metálico e o Velho respirou satisfeito. Regressou para junto do grupo orientando-se pelo cheiro a tabaco e comunicou-lhes que encontrara um lugar para passarem a noite.

O grupo chegou ao terreno plano e dois homens entregaram-se à tarefa de cortar folhas de bananeiras bravas. Atapetaram o solo com elas e sentaram-se satisfeitos emborcando um merecido gole de *Frontera*.

– Que pena não se poder fazer uma fogueira. Estaríamos mais seguros junto de um bom fogo – queixou-se o administrador.

– É melhor assim – opinou um dos homens.

– Não gosto disto. Não gosto da escuridão. Até os selvagens se protegem com o fogo – alegou o gordo.

– Olhe, excelência, estamos num lugar seguro. Nós não podemos ver o animal, se é que anda por perto, e ele não nos pode ver a nós. Se acendêssemos uma fogueira estávamos a dar-

lhe de presente uma oportunidade de nos ver, e nós não o veríamos a ele porque o fogo encandeava-nos. Deixei-se ficar tranquilo e trate de dormir. Estamos todos a precisar de um sono. Ah, e sobretudo evitemos falar.

Os homens secundaram as palavras do Velho e, depois de um breve conciliábulo, puseram-se de acordo quanto aos turnos de guarda. O Velho faria o primeiro e encarregar-se-ia de despertar o seu substituto.

O cansaço da caminhada apoderou-se rapidamente dos homens. Dormiam encolhidos, abraçando as pernas e cobrindo as caras com chapéus. As suas respirações tranquilas não interrompiam o ruído da chuva.

Antonio José Bolívar estava sentado, de pernas cruzadas e costas apoiadas num tronco. De vez em quando acariciava a lâmina do machete e recebia, atento, os sons da floresta. As pancadas repetidas de algo de volumoso a cair na água indicaram-lhe que estavam perto de um braço de rio ou de um ribeiro cheio. Nas épocas das chuvas, os aguaceiros arrastavam milhares de insectos que caíam dos ramos e os peixes tinham banquetes. Saltavam de felicidade, de barriga cheia e satisfeitos.

Recordou-se da primeira vez que viu um verdadeiro peixe de rio. Tinham passado muitos anos desde então. Ainda era um aprendiz na floresta.

Numa tarde de caçada sentiu que o corpo tinha um fedor ácido de tanto suar e ao chegar a um ribeiro preparou-se para dar um mergulho. Quis a sorte que um shuar o visse a tempo e lhe lançasse um grito de aviso.

– Não te metas. É perigoso.

– Piranhas?

O shuar acenou que não. As piranhas juntam-se nas águas mansas e profundas, nunca nas com muita corrente. São peixes toscos e só adquirem velocidade impelidos pela fome ou pelo cheiro a sangue. Nunca teve problemas com as piranhas. Aprendeu com os Shuar que basta untar o corpo com leite de seringueira para as afugentar. O leite da árvore-da-borracha pica, arde, ameaça levantar a pele, mas a comichão vai-se quando se entra em contacto com a água fresca e as piranhas fogem mal sentem o cheiro.

– Pior que as piranhas – disse o shuar, e levou-o a seguir o movimento da sua mão que apontava para a superfície do regato.

Viu uma mancha escura de mais de um metro de comprimento a deslizar rápida.

– Que é?

– Um bagre guacamaio.

Um peixe enorme. Mais tarde, pescou alguns exemplares que atingiam os dois metros, ultrapassando os setenta quilos de peso, e soube também que eram inofensivos mas mortalmente amistosos.

Quando viam um ser humano na água, aproximavam-se para brincar, dando-lhe, de afecto, tais pancadas com a cauda que facilmente lhe partiam a espinha.

Ouvia repetirem-se as pancadas pesadas na água. Talvez se tratasse de um bagre guacamaio banquetecendo-se de cupins, besouros machos, hastes vivas, lagostas, grilos, aranhas, ou finas cobras voadoras arrastadas pela chuvada.

Era um ruído de vida no meio da escuridão. Era como dizem os Shuar: de dia, há o homem e a floresta; de noite, o homem é floresta.

Esteve a ouvi-lo agradado, até que deixou de se repetir.

O homem que o ia render apareceu. Fez estalar os ossos ao espreguiçar-se e aproximou-se.

– Já dormi o suficiente. Anda, estende-te na minha cama. Deixei-ta morninha.

– Não estou cansado. Prefiro dormir quando clarear.

– Estava qualquer coisa a saltar na água, não estava?

O Velho ia a falar-lhe dos peixes, mas foi interrompido por um ruído novo que chegava da floresta.

– Ouviste?

– Calado. Calado.

– Que será?

– Não sei. Mas é bastante pesado. Acorda os outros sem ruído.

O homem não conseguiu levantar-se e ambos se viram atacados por um clarão de prata que feria a vegetação húmida aumentando o efeito de cegueira.

Era o administrador, alarmado pelo ruído, que se aproximava de lanterna acesa.

– Apague isso – ordenou o Velho, enérgico, sem erguer a voz.

– Porquê? Há aqui qualquer coisa e quero ver de que se trata – respondeu o gordo, movendo o jorro de luz em todas as direcções e accionando ao mesmo tempo o cão do revólver.

– Já lhe disse que apague essa merda. – O Velho tirou-lhe a lanterna com uma palmada.

– Então julgaste...

As palavras do gordo foram abafadas por um intenso bater de asas e uma cascata fétida caiu sobre o grupo.

– Fê-la das boas. Temos de partir imediatamente ou então as formigas vêm disputar-nos a merda fresca.

O administrador não soube como reagir. Às apalpadelas procurou a lanterna e às apalpadelas seguiu o grupo que abandonava o lugar onde tinha pernoitado.

Os homens maldiziam a tolice do gordo com palavras mastigadas para que não percebesse a magnitude dos insultos.

Caminharam até uma clareira e aí receberam em plenitude o aguaceiro.

– Que se passou? Que foi aquilo? – perguntou o gordo quando parou.

– Merda. Não lhe cheira?

– Já sei que é merda. Estávamos debaixo de um bando de macacos?

Uma ténue visibilidade tornou visíveis os perfis dos homens e os contornos da floresta.

– Se lhe servir para alguma coisa, excelência, digo-lhe que, quando se pernoita na selva, temos de nos encostar a uma árvore queimada ou petrificada. É aí que se penduram os morcegos, que são o melhor sinal de alarme com que podemos contar. Os bichos preparavam-se para voar em direcção contrária ao ruído que escutávamos e teríamos assim sabido onde estava. Mas o senhor, com a sua luzinha e os seus gritos, espantou-os e atiraram-nos o jorro de merda. Como todos os roedores, são muito sensíveis, e ao menor sinal de perigo soltam tudo o que têm lá dentro para se tornarem leves. Ande, esfregue bem a cabeça, se não quiser que os mosquitos o comam.

O administrador imitou o resto do grupo, retirando o fedorento esterco. Quando acabaram, já tinham luz suficiente para continuarem a marcha.

Caminharam durante três horas, sempre para Nascente, evitando regatos cheios, quebradas, clareiras que atravessavam olhando para o céu de boca aberta para receberem a água fresca, e ao chegarem a uma lagoa fizeram alto para comer qualquer coisa.

Reuniram frutos e camarões que o gordo se negou a comer crus. O gordo, embrulhado no impermeável de oleado azul, tiritava de frio e continuava a lamentar-se por não poder acender uma fogueira.

– Estamos perto – disse um.

– Sim. Mas vamos dar uma volta para chegarmos por trás. Seria fácil ir ao longo do rio e chegar de frente, mas lembremos de que o bicho é inteligente e poderia fazer-nos uma surpresa – assinalou o Velho.

Os homens manifestaram o seu acordo e engoliram a comida com uns bochechos de *Frontera*.

Ao verem que o gordo se afastava, não de mais, e se perdia oculto por detrás de um arbusto, deram cotoveladas uns aos outros.

– Sua senhoria não nos quer mostrar o cu.

– É tão parvo que se vai sentar num formigueiro julgando que é uma latrina.

– Aposto que vai pedir papel para se limpar – atirou outro entre gargalhadas.

Divertiam-se nas costas de *A Babosa*, que era como sempre lhe chamavam na sua ausência. As gargalhadas foram cortadas, primeiro pelo grito aterrorizado do gordo e, seguidamente, pela série de tiros disparados. Seis tiros do revólver, esvaziado generosamente.

O administrador apareceu a puxar as calças para cima e chamando-os aos gritos.

– Venham! Venham! Eu vi-a. Estava atrás de mim preparada para me atacar, e parece que lhe meti um par de balas. Venham! Todos à procura dela!

Prepararam as espingardas e lançaram-se na busca na direcção que o gordo lhes indicara. Seguindo um notório rasto de sangue que aumentava a euforia do administrador, chegaram até junto de um belo animal de focinho alongado, que dava os últimos estertores. A bela pele amarela mosqueada tingia-se de sangue e lama. O animal olhava para eles de olhos muito abertos e do seu focinho de trombeta escapava-se-lhe um débil arquejo.

– É um urso-do-mel. Porque é que não olha antes de disparar com o seu maldito brinquedo? Dá azar matar um urso-do-mel. Isso é coisa que todos sabem, até os tontos. Não existe animal mais inofensivo em toda a floresta.

Os homens abanavam a cabeça comovidos com a sorte do animal, e o gordo recarregava a sua arma sem atinar com nada para dizer em sua defesa.

Passava do meio-dia quando viram o letreiro descorado de *Alkaseltzer* identificando a cantina de Miranda. Era um rectângulo de latão azul com caracteres quase ilegíveis que o cantineiro pregara muito acima na árvore junto da qual se erguia a sua choça.

Foram encontrar o colono a escassos metros da entrada. Apresentava as costas abertas por dois rasgões de garras, que começavam nas omoplatas e se prolongavam até à cintura. O pescoço incrivelmente aberto deixava a cervical à vista.

O morto estava de bruços e empunhava ainda um machete.

Ignorando a mestria arquitectónica das formigas, que durante a noite tinham construído uma ponte de folhas e raminhos para trabalhar o cadáver, os homens arrastaram-no para a cantina. Lá dentro ardia debilmente um candeeiro de acetileno e fedia a gordura queimada.

Quando se aproximaram do fogão de querosene descobriram a origem do cheiro. O aparelho ainda estava morno. Tinha consumido a última gota de combustível e depois chamuscara as torcidas. Numa frigideira restavam dois rabos de iguana carbonizados.

O administrador olhava para o cadáver.

– Não percebo. O Miranda era veterano por cá e não se pode, de modo nenhum, falar-se dele como de um homem medroso, mas parece que sentiu tal pânico que nem sequer se preocupou com apagar o fogão. Porque é que não se fechou quando ouviu a onça? A espingarda está ali pendurada. Porque é que não a usou?

Os outros faziam a si mesmos perguntas semelhantes.

O administrador despojou-se do impermeável de oleado e uma cascata de suor retido molhou-o até aos pés. Olhando para o morto, fumaram, beberam, um pôs-se a reparar o fogão e, autorizados pelo gordo, abriram umas latas de sardinhas.

– Não era mau tipo – disse um.

– Desde que a mulher o deixou vivia mais sozinho que uma bengala de cego – acrescentou outro.

– Tinha parentes? – perguntou o administrador.

– Não. Veio com o irmão, mas esse morreu de malária já há vários anos. A mulher foi-se-lhe com um fotógrafo ambulante e

dizem que vive agora em Zamora. Talvez o mestre do barco saiba do paradeiro dela.

– Suponho que a cantina lhe dava algum lucro. Sabem que é que ele fazia com o dinheiro? -interveio outra vez o gordo.

– Dinheiro? Jogava às cartas, deixando de parte apenas o necessário para repor as mercadorias. Aqui é assim, se é que ainda não sabe. É a floresta que se mete por nós adentro. Se não temos um ponto fixo a que queremos chegar, damos voltas e mais voltas.

Os homens concordaram com uma espécie de orgulho perverso. Nisto entrou o Velho.

– Lá fora há outro cadáver.

Saíram à pressa e, encharcados pela chuva, encontraram o segundo morto. Estava de costas e com as calças para baixo. Mostrava as marcas das garras nos ombros e a garganta aberta com características que começavam a tornar-se familiares. Junto do cadáver, o machete enterrado a pouca distância dizia que não conseguira ser utilizado.

– Acho que percebo – disse o Velho.

Estava em redor do corpo, e no olhar do administrador viam como o gordo procurava febrilmente chegar à mesma explicação.

– O morto é o Plascencio Puñán, um tipo que não aparecia muito, e parece que se preparavam para comer juntos. Viu os rabos de iguana chamuscados? Foi o Plascencio que os trouxe. Por aqui não há desses bichos e deve tê-los caçado a várias jornadas, no interior da floresta. O senhor não o conheceu. Era um pesquisador de pedras. Não andava atrás do oiro como a maioria dos malucos que se abeiram destas terras, e garantia que lá muito para dentro se podiam encontrar esmeraldas. Lembro-me de o ter ouvido falar da Colômbia e das pedras verdes, grandes como uma mão fechada. Pobre tipo. A certa altura deve ter sentido vontade de esvaziar as tripas e saiu cá para fora para isso. Foi assim que o animal o apanhou. Agachado e apoiado no machete. Nota-se que o atacou de frente, que lhe enterrou as garras nos ombros e lhe enfiou as presas no gasganete. O Miranda deve ter ouvido os gritos e deve ter presenciado a pior parte de tudo, e então preocupou-se apenas com pôr a sela na mula e deitar a fugir. Não chegou muito longe, como vimos.

Um dos homens virou o cadáver. Tinha restos de excrementos pegados às costas.

– Vá lá que ainda conseguiu fazer a sua cagada – disse o homem. E deixaram o cadáver de barriga para baixo, para que a chuva implacável lavasse os vestígios do seu último acto neste mundo.

Capítulo Oitavo

Ocuparam o resto da tarde com os mortos.

Embrulharam-nos na rede de Miranda, virados um para o outro, para lhes evitar que entrassem na eternidade como estranhos, e depois coseram a mortalha e ataram-lhe quatro grandes pedras nas pontas.

Arrastaram o fardo para um lameiro ali perto, levantaram-no, oscilaram tomando balanço e atiraram-no para o meio dos juncos e das rosas-de-pântano. O volume mergulhou gorgolejando, arrastando na sua descida vegetais e sapos surpreendidos.

Regressaram à cantina quando a escuridão se apossou da floresta e o gordo organizou as guardas.

Iriam manter-se de vela dois homens, que seriam rendidos quatro horas por outro par. Ele dormiria sem interrupções até ao amanhecer.

Antes de adormecerem cozinham arroz com fatias de banana e, depois de cear, Antonio José Bolívar limpou a dentadura postiça antes de a guardar no lenço. Os seus companheiros viram-no hesitar por um momento e surpreenderam-se ao vê-lo pôr a placa outra vez.

Como fazia parte do primeiro turno, o Velho apropriou-se do candeeiro de acetileno.

O seu companheiro de vigia, perplexo, via-o percorrer com a lupa os sinais arrumados no livro.

– É verdade que sabes ler, compadre?

– Alguma coisa.

– E que é que estás a ler?

– Um romance. Mas cala-te. Se falas, a chama mexe-se e mexem-se-me as letras.

O outro afastou-se para não estorvar, mas era tal a atenção que o Velho prestava ao livro que não suportou ficar à margem.

– De que é que trata?

– Do amor.

Perante a resposta do Velho, o outro aproximou-se com renovado interesse.

– Não me lixes. Com fêmeas ricas, das que fervem?

O Velho fechou o livro num repente fazendo tremer a chama do candeeiro.

– Não. Trata-se do outro amor. Do que dói.

O homem sentiu-se decepcionado. Encolheu os ombros e afastou-se. Ostensivamente, emborcou um longo trago, acendeu um charuto e começou a afiar a lâmina do machete.

Passada a pedra, cuspiu no metal, tornava a passar e avaliava o fio com a polpa de um dedo.

O Velho continuava na sua, sem se deixar importunar pelo ruído áspero da pedra contra o aço, falando entre dentes como se estivesse a rezar.

– Anda, lê um bocadinho mais alto.

– A sério? Interessa-te?

– Digamos que sim. Uma vez fui ao cinema, em Loja, e vi um filme mexicano, de amor. Nem lhe conto, compadre. As lágrimas que me caíam.

– Então tenho de te ler desde o princípio, para saberes quem são os bons e quem são os maus.

Antonio José Bolívar regressou à primeira página do livro. Tinha-a lido várias vezes e sabia-a de cor.

«Paul beijou-a ardorosamente enquanto o gondoleiro, cúmplice das aventuras do amigo, fingia olhar noutra direcção e a gôndola, equipada com macios coxins, deslizava tranquilamente pelos canais venezianos.»

– Tão rápido não, compadre – disse uma voz.

O Velho ergueu os olhos. Estava rodeado de três homens. O administrador descansava, afastado dali, estendido sobre um monte de fardos.

– Há palavras que não conheço – ponderou o que tinha falado.

– Tu percebes todas? – perguntou outro.

O Velho entregou-se então a uma explicação, à sua maneira, dos termos desconhecidos.

Aquilo do gondoleiro, da gôndola, e de beijar ardorosamente,

ficou semiesclarecido depois de algumas horas de troca de opiniões salpicadas de anedotas picantes. Mas o mistério de uma cidade em que as pessoas precisam de barcos para andar de um lado para o outro, esse não percebiam de maneira nenhuma.

– Sabe-se lá se não terão muita chuva. Ou rios que saem do leito.

– Hão-de viver mais molhados do que nós.

– Imaginem. Vai uma pessoa beber uns goles, ou lembra-se de sair para verter águas fora de casa, e que vê ele? Os vizinhos a olhar com caras de peixe.

Os homens riam, fumavam, bebiam. O administrador revolveu-se incomodado na sua cama.

– Fiquem sabendo que Veneza é uma cidade construída numa lagoa. E é em Itália – gritou do seu canto de insone.

– Pois! Ou seja, as casas flutuam como jangadas – observou outro.

– Se é assim, então para que são os botes? Podem viajar com as casas, como barcos – opinou outro.

– Ai que bestas! São casas firmes. Até há palácios, catedrais, castelos, pontes, ruas para as pessoas. Todos os edifícios têm alicerces de pedra – declarou o gordo.

– E como é que sabe? Esteve lá? – perguntou o Velho.

– Não. Mas sou instruído. Por alguma razão sou administrador. A explicação do gordo complicava as coisas.

– Se bem o compreendi, excelência, essa gente tem pedras que flutuam, como as pedras-pomes devem ser, mas ao fim e ao cabo, se uma pessoa construir uma casa com pedras-pomes, ela não flutua, não, senhor. Tenho a certeza que lhe metem tábuas por baixo.

O administrador levou as mãos à cabeça.

– Ai que bestas! Ai que bestas! Pensem o que quiserem. Vocês foram contagiados pela mentalidade selvagem. Nem Cristo vos consegue arrancar à vossa bestialidade. Ah, uma coisa: vão acabar com isso de me chamarem excelência. Desde que ouviram o dentista agarraram a palavrinha.

– E como quer que lhe chamemos? O juiz tem de ser tratado por vossoria; o padre por eminência; e ao senhor, temos de o tratar de alguma maneira, excelência.

O gordo ia acrescentar qualquer coisa, mas foi interrompido por um gesto do Velho. Os homens compreenderam, deitaram a

mão às armas, apagaram os candeeiros e esperaram.

Lá de fora chegou o ténue ruído de um corpo movendo-se furtivamente. Os passos não produziam sons, mas aquele corpo agarrava-se aos arbustos baixos e às plantas. Ao fazê-lo, interrompia o jorrar da água e, quando avançava, a água acumulada caía com renovada abundância.

O corpo em movimento traçava um semicírculo em torno da choça do cantineiro. O administrador, de gatas, aproximou-se do Velho.

– É o bicho?

– É. E sentiu-nos o cheiro.

O gordo pôs-se de pé de repente. Apesar da escuridão, alcançou a porta e esvaziou o revólver, disparando às cegas para a floresta.

Os homens acenderam o candeeiro. Abanavam as cabeças sem proferir comentários e olhavam para o administrador que recarregava a arma.

– Foi-se-me por culpa de vocês. Por passarem a noite a falar de parvoíces como uns maricas, em vez de cumprirem os turnos de guarda.

– Como se nota que o senhor é instruído, excelência. O bicho tinha tudo contra ele. Era uma questão de o deixar passear até calcular a que distância estava. Mais dois passeios e tê-lo-íamos tido ao alcance de tiro.

– Pois é. Vocês sabem tudo. Se calhar acertei-lhe – justificou-se o gordo.

– Então vá ver, se quiser. E se for atacado por um mosquito, não o mate aos tiros porque nos vai espantar o sono.

Ao amanhecer, aproveitando a luz mortiça filtrada pelo tecto da selva, saíram a examinar as proximidades. A chuva não apagava o rasto de plantas esmagadas deixado pelo animal. Não se viam mostras de sangue na folhagem, e as pegadas perdiam-se na densidade da floresta.

Regressaram à choça e beberam café preto.

– O que menos me agrada é que o bicho anda a rondar a menos de cinco quilómetros de El Idilio. Quanto tempo demora uma onça a fazer essa distância? – perguntou o administrador.

– Menos que nós. Tem quatro patas, sabe saltar por cima dos charcos e não usa botas – respondeu o Velho.

O administrador compreendeu que já se tinha desacreditado

demasiadamente perante os homens. Permanecer mais tempo ao pé do Velho, agora mais destemido com os seus sarcasmos, só conseguiria aumentar a sua fama de inútil, e talvez de cobarde.

Encontrou uma saída que parecia lógica e que ao mesmo tempo o cobria.

– Façamos um acordo, Antonio José Bolívar. Tu és o mais veterano na floresta. Conhece-la melhor que a ti mesmo. Nós só te servimos de estorvo, Velho. Segue-lhe o rasto e mata-a. O Estado paga-te cinco mil sures se o conseguires. Ficas aqui e fazes como te apetecer. Entretanto, nós regressamos para proteger a povoação. Cinco mil sures. Que me dizes?

O Velho escutou sem pestanejar a proposta do gordo.

Na realidade, a única coisa verdadeiramente sensata que havia a fazer era regressar a El Idilio. O animal, à caça do homem, não tardaria a dirigir-se à povoação, e lá seria fácil estender-lhe uma armadilha. Inevitavelmente, a fêmea procuraria novas vítimas e era estúpido disputar-lhe o seu próprio território.

O administrador desejava desembaraçar-se dele. Com as suas respostas aguçadas feria-lhe os princípios de animal autoritário, e encontrara assim uma fórmula elegante de deixar de o ter às costas.

O Velho não se importava por aí além com o que pensasse o gordo suado. Também não lhe interessava a recompensa oferecida. Outras ideias lhe viajavam pela mente.

Algo lhe dizia que o animal não estava longe. Talvez os estivesse a ver naquele mesmo momento, e só começava a perguntar a si mesmo porque é que nenhuma das vítimas o incomodava. Possivelmente, a sua vida passada entre os Shuar permitia-lhe ver um acto de justiça naquelas mortes. Um cruento mas iniludível olho por olho.

O gringo tinha-lhe assassinado as crias, e quem sabe se também o macho. Por outro lado, o comportamento do animal permitia-lhe intuir que procurava a morte ao aproximar-se perigosamente dos homens, como fizera na última noite e, antes, ao liquidar o Plascencio e o Miranda.

Um mandato desconhecido ditava-lhe que matá-la era um imprescindível acto de piedade, mas não daquela piedade prodigalizada pelos que estão em condições de perdoar e de a oferecer. O animal procurava uma ocasião de morrer frente a frente, num duelo que nem o administrador nem nenhum dos

homens poderiam compreender.

– Que respondes, Velho? – repetiu o administrador.

– De acordo. Mas deixam-me charutos, fósforos e outra dose de cartuchos.

O administrador respirou aliviado ao ouvir a aceitação e entregou-lhe o que ele pedia.

O grupo não demorou muito a preparar os pormenores do regresso. Despediram-se, e Antonio José Bolívar entregou-se ao trabalho de consolidar a porta e a janela da choça.

A meio da tarde escureceu, e à luz taciturna do candeeiro retomou a leitura enquanto esperava rodeado dos ruídos da água deslizando entre a folhagem.

O Velho repassava as páginas desde o início.

Estava incomodado por não conseguir apropriar-se da história. Repetia as frases memorizadas e saíam-lhe da boca desprovidas de sentido. Os seus pensamentos viajavam em todas as direcções em busca de um ponto determinado onde se detivesse.

Se calhar tenho medo.

Pensou num provérbio shuar que aconselhava que nos escondêssemos do medo, e apagou o candeeiro. Na escuridão, estendeu-se em cima dos fardos com a espingarda preparada descansando em cima do peito, e deixou que os pensamentos se aquietassem como as pedras ao tocarem o leito do rio.

Vamos ver, Antonio José Bolívar, que se passa contigo?

Não é a primeira vez que enfrentas uma fera enfurecida. Que é que te impacienta? A espera? Preferias vê-la aparecer agora mesmo derrubando a porta e ter um desenlace rápido? Não vai acontecer isso. Sabes que nenhum animal é tão estúpido que invada uma guarida estranha. E porque é que estás tão certo de que a fêmea te procurará precisamente a ti? Não achas que a fera, com toda a inteligência que demonstrou, pode decidir-se pelo grupo de homens? Pode segui-los e eliminá-los um a um antes de chegarem a El Idilio. Sabes que o pode fazer e devias tê-los advertido disso, dizer-lhes: «Não se separem nem um metro. Não durmam, pernoitem acordados e sempre na margem do rio». Sabes que mesmo assim seria fácil à fera emboscá-los, dar o salto, pôr um no chão de gasganete aberto e, antes de os outros recuperarem do pânico, já ela estaria escondida, preparando o ataque seguinte. Achas que a onça te sente um ser igual a ela? Não sejas vaidoso, Antonio José Bolívar. Lembra-te de que não és

um caçador, porque tu mesmo recusaste sempre esse qualificativo, e os felinos seguem o verdadeiro caçador, o cheiro a medo e a pau feito que os caçadores autênticos emanam. Tu não és um caçador. Muitas vezes os habitantes de El Idilio falam de ti chamando-te o Caçador, e respondes-lhes que isso não é verdade, porque os caçadores matam para vencer um medo que os enlouquece e os apodrece por dentro. Quantas vezes viste aparecer grupos de indivíduos febris, bem armados, que se internavam na floresta? Poucas semanas depois reapareciam com fardos de peles de ursos formigueiros, lontras, ursos-do-mel, jibóias, lagartos, pequenos gatos bravos, mas nunca com os restos de um verdadeiro contendor como a fêmea por que esperas. Tu viste-os embebedar-se ao pé das trouxas de peles, para disfarçarem o medo que lhes inspira a certeza de saberem que o inimigo digno os viu, os cheirou e os desprezou na imensidade florestal. É certo que os caçadores são de dia para dia em menor número, porque os animais se internaram para Oriente, atravessando cordilheiras impossíveis, longe, tão longe que a última anaconda vista habita em território brasileiro. Mas tu viste e caçaste anacondas não longe daqui.

A primeira foi um acto de justiça ou de vingança. Por mais voltas que lhe dêes não atinges a diferença. O réptil havia surpreendido o filho de um colono enquanto estava a tomar banho. Tu gostavas do garoto. Não passava dos doze anos e a anaconda deixou-o flácido como um saco de água. Lembras-te, velho? De canoa, seguiste o rasto até descobrires a praia onde estava a apanhar sol. Então deixaste várias lontras mortas como isco e esperaste. Nesse tempo eras jovem, ágil, e sabias que dessa agilidade dependia não te transformares noutro banquete para a deusa da água. Foi um bom salto. De machete na mão. O corte limpo. A cabeça da serpente caindo na areia, e antes de tocar nela já tu saltavas a proteger-te no meio da vegetação baixa, enquanto o réptil se revolia açoitando o seu corpo vigoroso repetidas vezes.

Onze ou doze metros de ódio. Onze ou doze metros de pele cor de azeitona parda com anéis negros tentando matar quando já estava morta.

A segunda foi uma homenagem de gratidão ao feiticeiro shuar que te salvou a vida. Lembras-te? Repetiste o truque de deixar isco de carne na praia e esperaste em cima de uma árvore até que

a viste sair do rio. Dessa vez foi sem ódio. Olhavas para ela a engolir os roedores enquanto preparavas o dardo, embrulhando a ponta aguçada em teia de aranha, untando-o com curare, introduzindo-o no tubo da zarabatana, e apontaste procurando a base do crânio.

O réptil recebeu o dardo, ergueu-se elevando quase três quartas partes do corpo, e da árvore onde estavas emboscado viste-lhe os olhos amarelos, as pupilas verticais buscando-te com um olhar que não te alcançou porque o curare é rápido a actuar.

Depois veio a cerimónia de a esfolar, andar quinze ou vinte passos enquanto o machete a abria e a carne fria e rosada se lhe impregnava de areia.

Lembras-te, velho? Quando entregaste a pele, os shuar declararam que não eras deles, mas que eras dali.

E também as onças te não são estranhas, só que nunca causaste a morte a um filhote, nem de onça nem de outra espécie qualquer. Só exemplares adultos, como manda a lei shuar. Sabes que as onças são animais estranhos, de comportamento imprevisível. Não são tão fortes como os jaguares, mas em contrapartida manifestam uma inteligência refinada.

«Se procurar a pista é excessivamente fácil e te faz sentir cheio de confiança, isso quer dizer que a onça está de olhos fitos na tua nuca», dizem os Shuar, e é verdade.

Uma vez, a pedido dos colonos, conseguiste avaliar a astúcia do grande gato mosqueado. Um exemplar cheio de força saciava-se nas vacas e nas mulas, e pediram-te que desses uma mãozinha. Foi uma pista difícil. Primeiro, o animal deixou-se seguir, guiando-te até aos contrafortes da cordilheira do Condor, terras de vegetação baixa, ideais para a emboscada junto ao chão. Quando te viste metido numa armadilha tentaste sair de lá para regressar à floresta densa, e a onça cortava-te a passagem mostrando-se, mas sem te dar tempo para levares a espingarda à cara. Disparaste duas ou três vezes sem a atingir, até que percebeste que o felino te queria cansar antes do ataque definitivo. Comunicou-te que sabia esperar, e talvez também que as tuas munições eram poucas.

Foi uma luta digna. Lembras-te, velho? Estavas à espera, sem mexer um músculo, dando palmadas em ti mesmo para afugentar o sono. Três dias de espera, até que a onça se sentiu segura e se lançou ao ataque. Foi um bom truque aquele de esperar estendido

no chão e de arma aperrada.

Porque é que te estás a lembrar de tudo isto? Porque esta fêmea te enche os pensamentos? Talvez porque ambos sabem que estão em situação semelhante? Depois de quatro assassinios, ela sabe muito dos homens, tanto como tu de onças. Ou, se calhar, tu sabes menos. Os Shuar não caçam onças. A carne não é comestível e basta a pele de uma para fazer centenas de enfeites que duram gerações. Os Shuar! Gostarias de ter um deles ao pé de ti? É claro, o teu compadre Nushiño.

Compadre, segues-me o rasto?

O shuar vai negar-se. Cuspindo muitas vezes para que saibas que está a dizer a verdade, mostrará desinteresse. É assunto que não é com ele. Tu és o caçador dos brancos, o que tem uma espingarda, o que viola a morte envenenando-a de dor. O teu compadre Nushiño dir-te-á que os Shuar apenas procuram matar os preguiçosos *tzanzas*.

E porquê, compadre? Os *tzanzas* não fazem outra coisa senão dormir pendurados nas árvores.

Antes de responder, o teu compadre Nushiño largará um sonoro peido para que nenhum preguiçoso *tzanza* o escute e dir-te-á que, há muito tempo, houve um chefe shuar que se tornou mau e sanguinário. Matava bons shuar sem motivos e os anciãos decidiram a sua morte. Tñaupi, o chefe sanguinário, ao ver-se encurralado, pôs-se em fuga transformado em preguiçoso *tzanza*, e como os micos são tão parecidos é impossível saber qual deles esconde o shuar condenado. Por isso, é preciso matá-los a todos.

Assim dizem que se passaram as coisas, dirá o compadre Nushiño cuspindo ainda uma última vez antes de partir, porque os Shuar se afastam quando acabam uma história, evitando as perguntas que geram mentiras.

Donde vêm todos estes pensamentos? Vamos, Antonio José Bolívar. Velho. Debaixo de que planta se escondem e atacam? Será que o medo te encontrou e já não podes fazer nada para te esconder? Se é assim, então os olhos do medo podem ver-te, da mesma maneira que vês as luzes do alvorecer entrando pelas fendas na cana.

Depois de beber várias malgas de café preto, entregou-se aos preparativos. Derreteu umas velas e mergulhou os cartuchos no sebo liquefeito. A seguir, deixou-os escorrer até ficarem cobertos por uma fina película. Desse modo iriam conservar-se secos,

mesmo que caíssem na água.

O resto do sebo derretido, aplicou-o na testa, cobrindo especialmente as sobrancelhas até formar uma espécie de pala. Assim, a água não lhe perturbaria a vista caso tivesse que enfrentar o animal numa clareira.

Por fim, experimentou o fio do machete e entrou pela floresta em busca de pistas.

Começou traçando um raio de duzentos passos contados a partir da choça em direcção a nascente, seguindo as pegadas encontradas no dia anterior.

Quando chegou ao ponto que fixara iniciou uma variante semicircular para sudoeste.

Descobriu uma porção de plantas esmagadas, com os caules enterrados na lama. Fora ali que se acaçapara o animal antes de avançar na direcção da choça, e as formações de vegetais vergados repetiam-se de tantos em tantos passos, desaparecendo numa encosta da floresta.

Esqueceu aquelas pegadas antigas e continuou à procura.

Ao procurar debaixo de grandes folhas de bananeira brava encontrou moldadas as patas do animal. Eram patas grandes, talvez como punhos de um homem adulto, e junto do rasto de pegadas encontrou outros pormenores que lhe falaram do comportamento do animal.

A fêmea não andava à caça. Caules quebrados de ambos os lados das marcas das patas contradiziam o estilo de caça de qualquer felino. A fêmea abanava o rabo, frenética até ao extremo do descuido, excitada perante a proximidade das vítimas. Não, não andava à caça. Deslocava-se com a segurança de quem se sabia diante de espécies menos dotadas.

Imaginou-a ali mesmo, de corpo magro, respiração agitada, ansiosa, olhos fitos, pétreos, todos os músculos tensos, e batendo a cauda com sensualidade.

– Bem, bicho, já sei como é que andas. Agora falta-me saber por onde andas.

Falou para a floresta, recebendo unicamente a resposta da chuva caindo.

Ampliando o raio de acção, afastou-se da choça do cantineiro até chegar a uma ligeira elevação de terreno que, apesar da chuva, lhe proporcionava um bom ponto de observação das imediações. A vegetação tornava-se baixa e espessa, em contraste

com as árvores altas que o protegiam de um ataque ao nível do solo. Decidiu abandonar a pequena colina avançando em linha recta para poente, em direcção ao rio Yacuambi, que não passava muito longe.

Pouco antes do meio-dia parou de chover, e assustou-se. Tinha de continuar a chover, pois se não começaria a evaporação e a selva iria sumir-se numa névoa densa que não o deixaria respirar e ver um palmo adiante do nariz.

De repente, milhões de agulhas prateadas perfuraram o tecto florestal iluminando intensamente os lugares onde poisavam. Estava mesmo por baixo de uma clareira de nuvens, encandeado pelos reflexos do sol que caía sobre as plantas húmidas. Esfregou os olhos praguejando e, rodeado de centenas de efémeros arcos-íris, apressou-se a sair dali antes de começar a temida evaporação.

Foi então que a viu.

Alertado por um ruído de água caindo imprevistamente, virou-se e conseguiu vê-la deslocando-se em direcção a sul, a uns cinquenta metros de distância.

Movia-se lentamente, de focinho aberto e açoitando os flancos com o rabo. Calculou que da cabeça à ponta do rabo media uns bons dois metros e que, erguida sobre duas patas, ultrapassava a altura de um cão de pastor.

O animal desapareceu atrás de um arbusto e tornou a vê-lo quase logo a seguir. Desta vez deslocava-se para norte.

– Esse truque, conheço-o eu. Se me queres aqui, muito bem, fico. No meio da nuvem de vapor também tu não serás capaz de ver nada – gritou-lhe; e entrincheirou-se apoiando as costas num tronco.

A pausa da chuva chamou imediatamente os mosquitos. Atacaram em busca de lábios, pálpebras, arranhões. Como finas poeiras, metiam-se nos orifícios nasais, nas orelhas, no meio do cabelo. Rapidamente, meteu um charuto na boca, mastigou-o, desfê-lo, e aplicou a pasta salivosa no rosto e nos braços.

Por sorte, a pausa durou pouco e desatou a chover com renovada intensidade. Desse modo regressou a calma, e apenas se ouvia o ruído da água penetrando entre a folhagem.

A fêmea apareceu várias vezes, deslocando-se sempre numa trajetória norte-sul.

O Velho olhava para ela, estudando-a. Seguia os movimentos do animal para descobrir em que lugar da floresta dava a volta

que lhe permitia regressar ao mesmo ponto e recomeçar o passeio provocatório.

– Aqui me tens. Eu sou Antonio José Bolívar Proaño e o que menos me falta é paciência. És um animal esquisito, disse não haja dúvidas. Pergunto a mim mesmo se o teu comportamento é inteligente ou desesperado. Porque é que não me rodeias e tentas simulacros de ataque? Porque não vais para nascente, para eu te seguir? Andas de norte para sul, viras pelo lado poente e retomas o mesmo caminho. Julgas que eu sou parvo? Estás a cortar-me o caminho para o rio. É esse o teu plano. Queres ver-me a fugir pela floresta adentro e seguir-me. Minha amiga, não sou assim tão parvo. E tu não és tão inteligente como eu supus.

Em certos momentos, vendo-a a andar, esteve quase a disparar, mas não disparou. Sabia que o tiro tinha de ser definitivo e certo. Se apenas a ferisse, a fêmea não lhe daria tempo para recarregar a arma, e por uma falha dos percutores iam-se-lhe os dois cartuchos ao mesmo tempo.

Passaram horas e, quando a luz diminuiu, percebeu que o jogo do animal não consistia em empurrá-lo para nascente. Queria-o ali, naquele sítio, e esperava pela escuridão para o atacar.

O Velho calculou que dispunha de uma hora de luz, e entretanto tinha de sair dali, chegar à margem do rio e procurar lugar seguro.

Esperou que a fêmea terminasse um dos percursos para sul e desse a volta que a fazia regressar ao ponto de partida. Então, a correr o mais que podia, lançou-se na direcção do rio.

Chegou a um antigo terreno desbravado que lhe permitiu ganhar tempo, e atravessou-o de espingarda apertada contra o peito. Com sorte, conseguiria chegar à margem do rio antes de a fêmea descobrir a sua manobra de fuga. Sabia que não longe dali encontraria um acampamento abandonado de pesquisadores de ouro, onde poderia refugiar-se.

Alegrou-se ao ouvir o barulho da torrente. O rio estava perto. Só lhe faltava, para chegar à margem, descer um declive de uns quinze metros coberto de fetos, quando o animal atacou.

A fêmea devia ter-se deslocado com tal velocidade e silêncio, quando descobriu a tentativa de fuga, que conseguiu correr paralelamente sem ele dar por isso, até se colocar de um dos lados do Velho.

Recebeu o empurrão dado com as patas dianteiras e rodou às

cambalhotas pela encosta abaixo.

Tonto, ajoelhou-se brandindo o machete com as duas mãos e esperou o ataque final.

Lá em cima, no alto do declive, a fêmea agitava o rabo freneticamente. As orelhas pequenas vibravam, captando todos os ruídos da floresta, mas não atacava.

Surpreendido, o Velho moveu-se lentamente para recuperar a espingarda.

– Porque não atacas? Que jogo é este?

Armou os cães da arma e meteu-a à cara. Àquela distância não podia falhar.

Lá em cima, o animal não tirava os olhos dele. De repente, rugiu, triste e cansada, e sentou-se.

A débil resposta do macho chegou-lhe de muito perto e não lhe foi difícil encontrá-lo.

Era mais pequeno que a fêmea e estava estendido ao abrigo de um tronco oco. Tinha a pele colada ao esqueleto e uma coxa quase arrancada do corpo por uma carga de chumbo. O animal mal respirava, e via-se que a agonia era dolorosíssima.

– Era isso que querias? Que lhe desse o tiro de misericórdia? – gritou o Velho lá para cima, e a fêmea ocultou-se entre as plantas.

Aproximou-se do macho ferido e deu-lhe uma palmada na cabeça. O animal apenas ergueu uma pálpebra, e ao examinar atentamente a ferida viu que estava a começar a ser comido pelas formigas.

Encostou os dois canos ao peito do animal.

– Lamento, companheiro. Aquele gringo filho de uma grande puta fodeu-nos a vida a todos. – E disparou.

Não via a fêmea, mas adivinhava-a lá em cima, escondida, entregue a lamentações talvez parecidas com as dos humanos.

Carregou a arma e caminhou despreocupado até chegar à desejada margem. Estava a uns cem metros de distância quando viu que a fêmea descia ao encontro do macho morto.

Ao chegar ao acampamento abandonado dos garimpeiros estava quase escuro, e descobriu que a chuvada derrubara a construção de canas. Deu uma rápida vista de olhos pelo local e alegrou-se ao encontrar uma canoa de ventre rasgado voltada na praia.

Encontrou também um fardo com rodela de banana seca, encheu os bolsos e meteu-se debaixo do bojo da canoa. As pedras

do chão estavam secas. Suspirou aliviado ao estender-se de barriga para cima, com as pernas esticadas e seguro.

– Tivemos sorte, Antonio José Bolívar. A encosta era de partir mais que um osso. A sorte foi o colchão de fetos.

Arrumou-se na canoa com o machete a seu lado. O bojo da canoa oferecia altura suficiente para se escarranchar se desejasse avançar ou retroceder. A canoa media uns nove metros de comprimento e mostrava vários rasgões produzidos pelas pedras afiadas dos rápidos.

Acomodado, comeu uns punhados de banana seca e acendeu um charuto que fumou com verdadeiro deleite. Estava muito cansado e não tardou em adormecer.

Foi invadido por um sonho curioso. Via-se a si mesmo com o corpo pintado com os tons furta-cores da jibóia, e sentado diante do rio para receber os efeitos da *natema*.

À sua frente algo se movia no ar, na folhagem, sobre a superfície da água quieta, no próprio fundo do rio. Algo que parecia ter todas as formas e alimentar-se ao mesmo tempo de todas elas. Mudava incessantemente, sem permitir que os olhos alucinados se acostumassem a uma. De repente assumia o volume de um papagaio, passava a ser um bagre guacamaio saltando de boca aberta e a engolir a lua, e ao cair à água fazia-o com a brutalidade de uma quebra-ossos caindo sobre um homem. Esse algo não tinha forma precisa, definível, e, fosse como fosse, sempre nele permaneciam os inalteráveis olhos amarelos.

– É a tua própria morte disfarçando-se para te surpreender. Se o faz, é porque ainda não é o momento de partires. Caça-a – ordenava-lhe o feiticeiro shuar, massajando o seu aterrado corpo com punhados de cinza fria.

E a forma de olhos amarelos movia-se em todas as direcções. Afastava-se até ser tragada pela difusa e sempre próxima linha verde do horizonte, e ao fazê-lo os pássaros tornavam a revoar com as suas mensagens de bem-estar e plenitude. Mas, passado um tempo, reaparecia numa nuvem negra que descia em torrente, e uma chuva de inalteráveis olhos amarelos caía sobre a floresta prendendo-se nas ramagens e nas lianas, incendiando a selva com uma tonalidade amarela incandescente que de novo o arrastava para o frenesim do medo e das febres. Ele queria gritar, mas os roedores do pânico dilaceravam-lhe a língua às dentadas. Ele queria correr, mas as finas serpentes voadoras atavam-lhe as

pernas. Ele queria chegar à sua choça e meter-se no retrato que o mostrava junto de Dolores Encarnación del Santísimo Sacramento Estupiñán Otavalo e abandonar aquelas paragens de ferocidade. Mas os olhos amarelos estavam por toda a parte cortando-lhe o caminho, por toda a parte ao mesmo tempo, como agora, que os sentia por cima da canoa, e esta movia-se, oscilava com o peso daquele corpo caminhando sobre a sua epiderme de madeira.

Conteve a respiração para perceber o que estava a acontecer.

Não. Não permanecia no mundo dos sonhos. A fêmea estava efectivamente por cima dele, passeando, e como a madeira era muito lisa, polida pela água incessante, o animal valia-se das garras para se apoiar caminhando da proa à popa, oferecendo-lhe o som próximo da sua respiração ansiosa.

O correr do rio, a chuva e o passeio do animal eram toda a sua referência do universo. A nova atitude do animal obrigava-o a pensar aceleradamente. A fêmea demonstrara ser demasiadamente inteligente para pretender que ele aceitasse o desafio e saísse para a enfrentar em plena escuridão.

Que novo estratagema era aquele? Era então certo o que diziam os Shuar acerca do olfacto dos felinos?

– A onça capta o cheiro a morto que muitos homens emanam sem saber.

Algumas gotas e depois uns jorros pestilentos misturaram-se com a água que entrava pelos rasgões da canoa.

O Velho percebeu que o animal estava tresloucado. Estava a mijá-lo. Marcava-o como sua presa, considerando-o morto antes de o enfrentar.

Assim se passaram longas e densas horas, até que uma débil claridade se introduziu no refúgio.

Ele, em baixo, verificando de costas a carga da espingarda, e lá em cima a fêmea, num passeio incansável que se tornava mais curto e nervoso.

Pela luz deduziu que era perto do meio-dia quando sentiu o animal descer. Atento, esperou pelos novos movimentos, até que um ruído de um dos lados o advertiu de que a fêmea estava a escavar entre as pedras em que assentava a embarcação.

A fêmea decidia entrar no seu esconderijo, já que ele não respondia ao desafio.

Arrastando o corpo de costas, retrocedeu até à outra ponta da canoa, justamente a tempo de evitar a garra que aparecera

procurando às cegas.

Ergueu a cabeça com a espingarda colada ao peito e disparou.

Pôde ver o sangue a saltar da pata do animal, ao mesmo tempo que uma intensa dor no pé direito lhe indicava que calculara mal a abertura das pernas, e vários chumbos lhe entraram no peito do pé.

Estavam empatados. Ambos feridos.

Ouviu-a afastar-se e, ajudado pelo machete, levantou um pouco a canoa, o suficiente para vê-la, a uns cem metros, lambendo a pata ferida.

Então, tornou a carregar a arma e num só movimento virou a canoa.

Quando se pôs de pé, a ferida provocou-lhe uma dor enorme, e o animal, surpreendido, estendeu-se em cima das pedras calculando o ataque.

– Aqui estou. Vamos acabar com este maldito jogo de uma vez para sempre.

Ouviu-se a gritar com uma voz desconhecida, e sem ter a certeza de o ter feito em shuar ou em castelhano, e viu-a correr pela praia como uma seta mosqueada, sem fazer caso da pata ferida.

O Velho ajoelhou-se, e o animal, ao chegar a uns cinco metros antes do choque, deu o prodigioso salto mostrando as garras e as presas.

Uma força desconhecida obrigou-o a esperar que a fêmea alcançasse o vértice do seu voo. Então apertou os gatilhos e o animal deteve-se no ar, quebrou o corpo de um lado e caiu pesadamente com o peito aberto pela chumbada dupla.

Antonio José Bolívar Proaño ergueu-se lentamente. Aproximou-se do animal morto e estremeceu ao ver que a carga dupla o tinha desfeito. O peito era uma ferida gigantesca e pela espádua espreitavam restos de tripas e pulmões desfeitos.

Era maior do que julgara quando a vira pela primeira vez. Mesmo assim magra, era um animal soberbo, belo, uma obra-prima de galhardia impossível de reproduzir sequer com o pensamento.

O Velho acariciou-a, ignorando a dor do pé ferido, e chorou de vergonha, sentindo-se indigno, envilecido, de modo nenhum vencedor daquela batalha.

Com os olhos nublados de lágrimas e de chuva, empurrou o

corpo do animal para a beira do rio, e as águas levaram-no pela floresta adentro, até aos territórios jamais profanados pelo homem branco, em direcção ao Amazonas, aos rápidos onde seria desfeito por punhais de pedra, para sempre a salvo das indignas alimárias.

Seguidamente, arremessou a espingarda com fúria e viu-a mergulhar sem glória. Besta de metal indesejada por todas as criaturas.

Antonio José Bolívar Proaño tirou a dentadura postiça, guardou-a embrulhada no lenço, e, sem parar de amaldiçoar o gringo que estivera na origem da tragédia, o administrador, os garimpeiros, todos os que insultavam a virgindade da sua Amazónia, cortou com um golpe de machete um grosso ramo e, apoiando-se nele, pôs-se a andar na direcção de El Idilio, da sua choça e dos seus romances, que falavam do amor com palavras tão bonitas que às vezes lhe faziam esquecer a barbárie humana.

Artatore, Jugoslávia, 1987

Hamburgo, Alemanha, 1988

1. Apresentação
2. Prefácio
3. Nota do autor
4. Agradecimentos
5. Capítulo Primeiro
6. Capítulo Segundo
7. Capítulo Terceiro
8. Capítulo Quarto
9. Capítulo Quinto
10. Capítulo Sexto
11. Capítulo Sétimo
12. Capítulo Oitavo